

Venceu o Pleito a Chapa dos Pracinhas

RECORDISTA CAFÉ DA MAJORAÇÃO DE TODOS OS PREÇOS

Revelações de «Conjuntura Econômica»: em 4 meses do atual Governo, o custo de vida subiu mais fortemente que em 8 meses do Governo anterior

PAG. 3

Imprensa POPULAR

Diretor: PEDRO MOTTA LIMA

ANO VIII

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 13 DE FEVEREIRO DE 1955

Nº 1.428

ARTICULA-SE NOVA MANOBRA GOLPISTA



Flagrante tomada ontem à tarde, durante as eleições para a Associação dos Ex-Combatentes

De fórmula em fórmula, os conspiradores renovam a cada passo seu sinistro intento de liquidar as liberdades e as conquistas populares — Unidos os patriotas e democratas derrotarão a camarilha de Café Filho e dos generais fascistas que não podem falar em nome das forças armadas

OS articuladores de um golpe fascista, manobrando dentro e fora dos próprios palácios presidenciais, tentam uma brecha através da qual possam levar o País à ditadura. Sob os mais variados disfarces, ora ameaçando aqui ou recusando ali, tentam formar um agrupamento que lhes permita êxito na sinistra jornada. A tal ponto chegou a situação, que um vespertino gritou, ontem, em negrito: "Podemos hoje informar, com a mais absoluta segurança, que já se acha redigido o

praticamente pronto o projeto de Constituição com que o Sr. Café Filho pretende repetir, para si, um novo golpe no estilo do que originou em 1937 o chamado Estado-Novo. O autor principal desta Constituição, por mais incrível que pareça, é nada mais nada menos do que o famoso Sr. Francisco Campos, o mesmo que preparou a Constituição de 37".

Hoje, naturalmente, temos um desmentido oficial ou oficioso do que acima está transcrito, mas é certo que, amanhã, uma outra fórmula golpista aparecerá para, novamente, ser negada pelos detentores do Governo de 24 de agosto.

Antes dessa, todavia, uma outra pergunta se torna de maior importância: reforma da Constituição para quê? Para a liquidação dos latifúndios? Para a ampliação das conquistas democráticas que o povo obteve em anos seguidos de lutas e duros sacrifícios? Evidentemente não é isso que se pode esperar do pé-

blicos e notórios agentes do tráfego cujo maior interesse é o estrangulamento das liberdades e a exploração ainda mais desumana do braço trabalhador. O fato é que os golpistas tentam diversos caminhos, inclusive formas sutis de mistificação, para atingirem seus objetivos: a liquidação CONCLUI NA 2ª PAG.

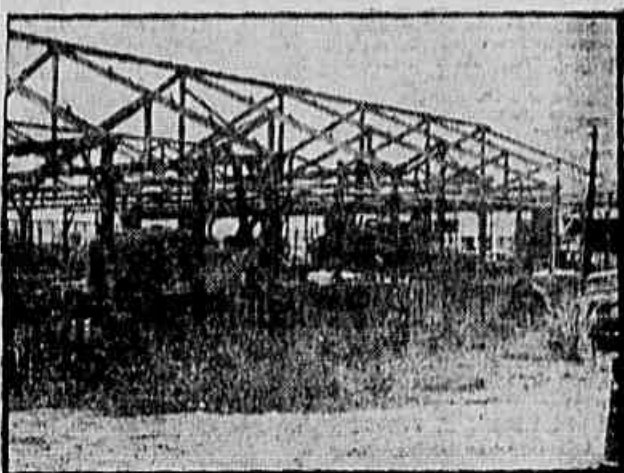
CONFESSOU QUE MENTIU A PEDIDO DE MAC CARTHY

NOVA YORK, 12 (AFP) — Prosseguindo no seu depoimento perante o tribunal federal que examina a acusação de traição por dez comunistas contra os quais dera falso testemunho,

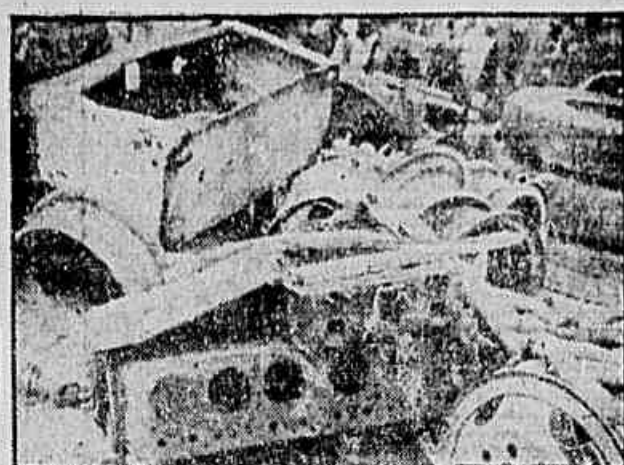
declarou ontem o Sr. Harvey Matusow que, em repetidas vezes, a pedido expresso do Senador Mac Carthy, em discursos proferidos durante a campanha eleitoral de 1952, Acentuou Matusow: "O Senador havia aprovado o tema dos meus discursos e na realidade proferi esses discursos cumprindo as suas ordens."

OS MOTIVOS Oficialmente, não são declarados os motivos do afastamento daqueles diretores, limitando-se o Sr. Gudin a declarar que o Governo estava estudando modificações na direção do Banco. Sabe-se, entretanto, que por trás da medida do Governo há forte pressão de grupos americanos, particularmente da Light e da Bond and Share, ambos pretendendo empréstimos de centenas de milhões de dólares naquele estabelecimento de crédito. O empréstimo pretendido pela Light monta a 500 milhões de dólares e vem se arrastando desde o Governo anterior. Acontece, todavia, que na direção do Banco estavam havendo

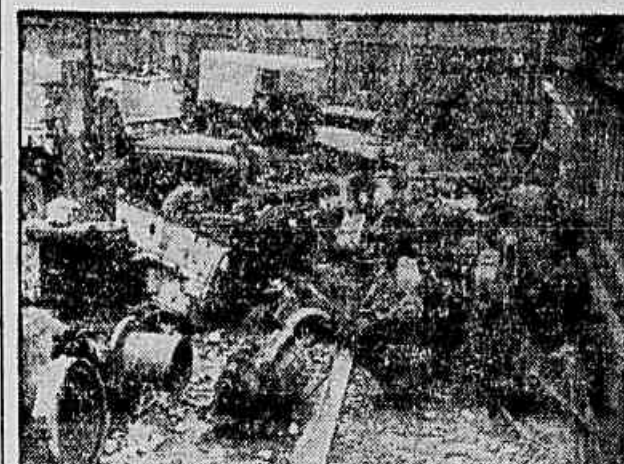
MILHÕES DO POVO TRANSFORMADOS EM LIXO



No quilômetro zero da Estrada Presidente Dutra, em Parada de Lucas, achase este barracão do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, ruído à, junto ao Centro Ferroviário. No seu interior existem várias máquinas para reparação. No entanto, o barracão está desativado e as máquinas sujeitas à chuva e ao sol



Nesta foto, podemos verificar um motor Diesel do caminhão Mack, que custa um dinheirão todo aberto e se enfiando. Nota-se, ainda, o motor exposto ao tempo em seus pontos mais vulneráveis



Enquanto "mister" Gudin manda cortar as despesas, não dá dinheiro nem para pagar o abono aos próprios servidores do D.N.E.R., manda paralisar obras e cortar as verbas dedicadas à educação e à saúde, o dinheiro do povo é jogado fora desta maneira. O Governo de "causa própria" não toma nenhuma providência para preservar os motores, os jipes, as pranchas que estão se transformando em ferro velho

VITORIOSOS OS PRACINHAS

NAS ELEIÇÕES ontem realizadas para a nova Diretoria da Associação dos Ex-Combatentes, saiu vitoriosa a chapa encabeçada pelo ex-tenente Celso Alves Teixeira, fundador e sócio nº 1 da Associação, também

conhecida como «Chapa dos Pracinhas». A chapa vencedora obteve 259 votos contra 245 dados à encabeçada pelo Marechal Marques Fôrto e 204 à do Major Araken. O pleito, que foi o mais concorrido dos que se têm realizados, ultimamente, na entidade dos ex-combatentes, realizou-se à tarde, tendo a apuração terminado às 20 horas. Presidiu a apuração o Coronel Nozyl Moreira Lima, tomando parte na mesa o Coronel Pedro Paulo Sampaio de Lacerda e Silva Barros.

Tendo apresentado um programa concreto de reivindicações e merecendo a confiança da maioria dos ex-combatentes, os pracinhas, pela primeira vez na história da sua Associação, conseguiram vencer o pleito para a Diretoria.

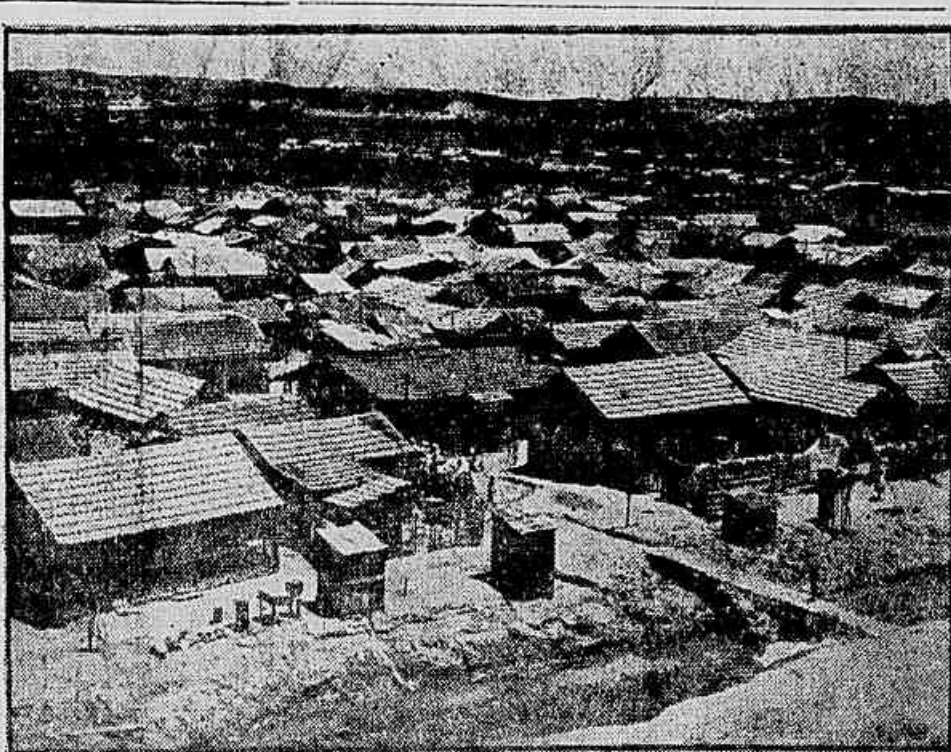
NOVA FÓRMULA PARA QUEBRAR A INTRANSIGÊNCIA DA PANAIR (na 6ª pág.)

CAIU O HELICÓPTERO DO SR. CAFÉ FILHO

POUCO depois de deixar, no Palácio Rio Negro, o Sr. Café Filho e seu ajudante de ordens, Tenente-Coronel Geraldo Queiroz de Almeida, o helicóptero das subidas presidenciais, esvoaçando à deriva, sem controle dos aparelhos de Governo, acabou caindo, em lugar absolutamente impróprio: os fundos do quintal da casa de verão do Sr. Barreto Pinto.

O Sr. Café Filho acabava de passar um dia agitado e de bom humor, assistindo, ao lado do Almirante integralista Pena Boto, com evidente princípio de enjôo, ruídos e exercícios de tiro real, que lhe feriam os tímpanos poissanos. Acredita-se que esse incidente fard com que o cauteloso Sr. Monteiro de Castro derrote afinal a corrente que insiste junto ao Sr. Café no sentido de que deve continuar utilizando o arrastado meio de transporte aéreo para subir e descer a serra.

A aviação tem seus glórias, mas também tem seus perigos.



ASSALTO E TERROR POLICIAL NA FAVELA DE PARADA DE LUCAS

Sanfonas como «armas apreendidas» — O jovem operário teve os dentes quebrados pela polícia — Saque, espancamentos e metralhadoras contra mães e meninos — Reportagem de Dalcídio Jundir na 2ª página.

SOB REGIME DE ESPIONAGEM OS SERVIDORES DA CENTRAL

O Governo organizou uma força policial com cerca de 400 homens, destacados em quatro postos com a finalidade única e exclusiva de «policiar» os trabalhadores da Estrada de Ferro Central do Brasil. Essa medida (a) tomada diante do crescente descontentamento existente entre os trabalhadores daquela ferrovia, provocado pelo baixo nível de salários.

A polícia da Central do Brasil já possui 4 postos, nos seguintes locais: Estação de D. Pedro II, Belo Horizonte, Arará e Roosevelt (S. Paulo). O supervisor, general dos postos policiais é o Delegado Mello Moraes, estranho aos quadros da EFCEB e nomeado para tais funções pelo Departamento Federal de Segurança Pública. O corpo policial é entretanto formado por quadros da própria Central do Brasil. Uma pequena percentagem (20%) usa fardamento de «guarda». Os demais são alcaguetes com carteiros graciosos do DPSP e «trabalham» na Central do Brasil, «vigilando» e detestando os trabalhadores.

FUNÇÃO «SOCIAL» IMPRENSA POPULAR

seus companheiros, pedindo fosse suspensa a punição imposta a um outro ferroviário.

Flamengo Bicampeão

BATIDO O VASCO POR 2 A 1. — (NOTÍCIA NA 2ª PAGINA)

O ACORDO DA TROCA DE MINERAIS ATOMICOS POR TRIGO AMERICANO

Em nossa edição de terça-feira próxima continuaremos apontando a responsabilidade de Schmidt e Lacerda no negócio vergonhoso em que ambos procuram aparecer como inocentes

com precisão qual a natureza da carga que veio buscar. Diz-se, porém, que recorda em seu porão um carregamento de minério de ferro. Grande massa popular se concentra na faixa do cais, admirando a embarcação em cujos mastros tremulam a bandeira da URSS e uma bandeira brasileira. Grande número de pequenas embarcações de pescadores e outras levando populares, circulam em torno do "Alexander Suvorov". Reina grande ansiedade em torno da possível descida à terra da tripulação.

CONFERÊNCIA SÔBRE FORMOSA, PROPÕE A U. R. S. S.

PARIS, 12 (AFP) — A União Soviética propõe a convocação de uma conferência destinada a resolver a questão de Formosa, anexada à emissora de Moscou.



Sugestão encaminhada através das embaixadas da Grã-Bretanha e da Índia — Além desses dois países, participariam a União Soviética, Estados Unidos, República Popular da China, França, Indonésia, Ceilão, Paquistão, Índia e Birmânia

CAMINHO PARA UMA SOLUÇÃO

A rádio de Moscou prosseguiu julgando, no entanto, que há motivos para se procurar outros caminhos a fim de chegar à solução dessa questão, o Governo soviético, continuando incansavelmente em sua política de paz, considera que seria útil que os países interessados na solução da situação que se criou na região de Formosa examinassem essa questão numa conferência próxima, da qual fariam parte a República Popular da China, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França, a União Soviética, a Índia, a Birmânia, a Indonésia, o Paquistão e o Ceilão.

Segundo a opinião do Governo soviético, a iniciativa nesse sentido poderia ser manifestada pela Grã-Bretanha e Índia, no caso de um acordo dos Governos britânico e indiano. Uma tal iniciativa estaria plenamente de conformidade com os desejos manifestados pelo Sr. Eden, no que concerne a necessidade de esforços comuns entre a União Soviética e a Grã-Bretanha para resolver as questões internacionais em suspensão. No que concerne

ao local e data da reunião dessa conferência, o Governo soviético considera que poderia ela ser convocada, isto é, em Shanghai ou em Nova Délhi.

AS CONVERSACOES

A rádio soviética acrescentou: «O Governo soviético exprime a esperança de que o Governo britânico examinará essas condições de Governo soviético e lhe transmitirá sua opinião». A emissora precisou que essa declaração foi feita pelo Sr. Molotov, a 4 de corrente, ao Sr. Hayter, Embaixador da Grã-Bretanha em Moscou, assim como ao Sr. Kaul, encarregado de negócios interino da Índia na capital soviética, que receberam, cada um, uma cópia dessa declaração.

«As conversações que começaram a propósito de Formosa e das ilhas costeiras continuam», afirmam, em conclusão, a emissora soviética.

O GOVERNO em marcha avante

CRIMINOSOS DE GUERRA, castigos, contrabandistas, ladrões de largo curso e outros tipos da má baixa escória humana continuam a entrar livremente no Brasil, instalando-se de preferência no Rio e em São Paulo, para onde transferem suas especialidades. Houve, há poucos dias, um movimento objetivando a criação de medidas que proibissem a entrada dessa gente que vem superlotar as grandes cidades e, o que é pior, espalhar o terror, o neologismo e a perversidade entre as nossas populações. Chegaram aqui com o título de agricultores ou técnicos nisto ou naquilo, com os passaportes devidamente visados, e logo passaram a fazer o Brasil.

Um relatório entregue no Sr. Café Filho mostrava todas essas mazelas. Apontava, um por um, os criminosos de guerra nazistas e fascistas que passaram a circular no país, alguns deles, até, nas altas rodas de onde saíram os homens do golpe de 24 de agosto. O relatório ficou sobre uma mesa do Cateite, Café seguiu de helicóptero para Petrópolis e a escória continua a descer na Praça Mauá e no Porto de Santos.

A política imigratória de que tanto fala o Governo de Getúlio é essa que, ali, fortemente protegida pelas nossas zelosas autoridades ocidentais. Um conde francês que tratou sua pátria comandando o extermínio de...

Jovens patriotas, homiziado no país, entrou como agricultor a França pede a sua extradição e o tal conde, tão tranquilo como o próprio Sr. Café Filho, continua a gozar as delícias de um dinheiro sujo de sangue. A polícia procura o conde — gritam alguns jornais. Mas o conde ad bonas paravalladas. Enquanto isso, a polícia do Sr. Café Filho assalta mortos, invade lares humildes, prende nacos efêmeros e, de submissão, mantém outras violências inabituáveis. Há dias, numa entrevista coletiva, perguntou ao Sr. Eugênio Gudin sobre problema:

— O Governo não toma providência? — Providências? Então o senhor não vê que estão pessoas que trazem capitais para o Brasil? Gudin, sempre o mesmo Gudin.

O Sr. Biano Penabaz, a quem fiz uma referência há pouco, é o autor do que a seguir se lê: — Quando estive à frente do Departamento Nacional de Imigração, pude experimentar mais de perto a gravidade da nossa situação imigratória, que, já antes, em vários artigos publicados na imprensa, me recuara minha recriminação. Posso assegurar que o nosso problema imigratório é, antes, um caso de polícia, já pela disciplina revelada na aceitação de péssimos elementos humanos, que outros povos civilizados não os querem ter em seu solo, quer pela criminalidade de brasileiros corruptos que se acumulam com certas organizações internacionais para transformar o Brasil num repositório de lixo humano. Um aviso: a declaração acima foi feita ontem, dia 12, pelo Sr. Penabaz.

Isaías Caminha

ASSALIO E TERROR POLICIAL EM PARADA DE LUCAS

Sanfonas como "armas apreendidas" — Uma senhora grávida enfrenta um monstro — Saque, espancamentos e metralhadoras contra mães e meninos na invasão da Favela
(Reportagem de DALCÍLIO JURANDIR)

Em Parada de Lucas, perto da Estação, no pé da variante, cresce uma favela que se estende como um arrastão até o caminho de Caxias. Nasceu como sempre nasce uma favela, quando famílias vindas do interior, ou despejadas na cidade, sem poder pagar aluguel no próprio subúrbio, encontram a área desabitada, os capinzais, o chão devoluto e plantam ali o primeiro estelo de moradia.

Agora é uma população que ali se abriga, com as suas roupas estendidas nas cordas que cruzam os becos, com as três bícas em torno das quais giram os meninos, trabalham as lavadeiras, vêm e voltam. Incessantemente, as donas de casa. A porta da favela, corre a vala escura, com o seu mau cheiro de peixes mortos, onde brincam meninos fingindo que pescam, lançando linhas com uma linha amarrada na ponta. Por toda a parte, crianças, mães; os homens estão fora trabalhando. De frente dos barracos, gatos, galinhas, plantas, cadelas, indicam o aspecto familiar das habitações. Aqui é uma dona de casa que nos oferece um café, ali a mãe que fala de seu noivo, aliante a velha mãe que se orgulha de seus filhos trabalhadores. Dentro das salas pobres, nos barracos de três peças, ou apenas de uma que serve ao mesmo tempo de sala, quarto e cozinha, sente-se o gosto doméstico da arrumação. Esse sentimento de lar presente em tudo, num quadro, numa estampa de folhinha, numa foto de casamento, num bordado, no brinquedo da criança, anel de ferro, o pedacinho de carne sobre a mesa em meio dos panos de costura, a volta do jarro de linhões. E o nosso povo, a vida familiar de nossa gente pobre, é Brasil como não há melhor em outro lugar.

Pois contra isso rolam os choques policiais que invadem os domicílios, espancam trabalhadores, desrespeitam senhoras, espalham o vexame, o pânico e o terror.

A MENTIRA DE "O GLOBO"
«O Globo» afirmou que, à retirada dos invasores policiais, a população da Favela de Parada de Lucas batia palmas. Vimos um morador, cuspir de revolta e não exclamar: meninos! E todos, ao nosso redor, repetiam o que nos dizia ele, comentando o papel de certos jornais que servem sempre à polícia contra o povo, inclusive fazendo cartazes dos espancamentos. E as histórias daquele dia da invasão da favela chovem sobre a nossa reportagem.

Os tiros e os soldados entraram, de metralhadoras em punho. Na variante, no alto, ficavam os carros da Radiopatrulha que aguardavam os presos. A batida começou, inicialmente branda, depois violenta, brutal, quando se infiltrou a é os fundos da favela.

UM CORAÇÃO DE MÃE
D. Maria José da Silva, que nos fala de seus trinta anos de lavoura em Cambuicanga, ergue os braços, exclamando:

— Minha família sempre foi família de trabalhadores. Meu filho nesse dia não entrou na fábrica de cavalos em Caxias porque não houve serviço. Veio almorçar, repousar um pouco. Havia perdido a carteira nos apêndices do trem. Pois a Polícia veio, encontrou meu filho sem carteira, quebrou-lhe os dentes, levou o rapaz para o carro, o péso de borracha, como se fosse um bicho. Corri atrás, com este coração abalado de mulher de 33 anos, de mãe que se acabou no trabalho do café e do arroz, silenciando... A senhora parou para respirar. O coração baqueava. Contou como correu, foi suplicar, com aquele coração a saltar pela boca, que seu filho era honrado, que o seu...

PASSAGENS DE ONIBUS ABSURDO AUMENTO NAS

Pretendem os proprietários das empresas descarregar nas costas do povo as dificuldades que enfrentam, decorrentes da política antinacional do Governo

Segundo informações colhidas pela reportagem junto ao Sindicato das Empresas de Transportes, será pleiteado novo aumento nos preços das passagens dos transportes coletivos. Conquanto ainda não tenha sido estabelecida, em definitivo a base do aumento a ser pleiteado, estimam alguns proprietários de ônibus que a passagem nestes veículos, passaria a custar cinco cruzeiros.

— Onde estão as armas? Onde escondem? E essa era a pergunta que varava a favela no dia da invasão.

Um menino de 15 anos, que habitava numa casquinha na rua Tramita, com o bico às costas, para seu trabalho. Teve que parar, foi o pobrezinho resmungando, o sacro atingido no chão, chutado pelas botas policiais.

TERRÍVEIS ARMAS ENCONTRADAS
Depois foi a cena do barraco fechado. Seu dono saiu para o trabalho, no armazém Brasil. Um armazém na porta dava o sinal da ausência do morador. A chave deixara na fenda. Os soldados vieram, iam metendo o ombro para abater a porta quando alguém da tenda gritou:

— Não derrubem a porta do homem. Aquel está à chave. Entraram. Deram a busca. Acreditavam que ali, no barraco fechado, haveria um depósito de armas. Mas, havia, sim. Poderosas armas estavam ali, agressivas, prontas para detonar contra os invasores! E os salteadores puderam, contudo, apoderar-se delas: Era uma garriucha enfiada, como estragado, que o velho guardara como reliquia. Eram duas facas de ponta, com que cortava a carne. Mas as outras não tinham perdão: eram duas sanfonas, de 80 baixos a primeira e de 48 a segunda.

— Apreendidas as armas! gritou o tira. Em vão o homem da tenda afirmava que o morador era bom velho, trabalhava no Armazém Brasil. — E como pôde esse velho ter dinheiro? O tira exibiu os cinco mil cruzeiros que encontrara na gaveta do velho. Tinha guardado cinco mil cruzeiros, era prava de furto. O velho era ladrão. E porque o homem da tenda protestasse pela honra do vizinho, o polícia logo arrematou:

— Pois se assim vamos dar busca na sua tenda. Onde estão as suas armas? **OUTRA APREENSÃO DE ARMAS**
O homem estava dentro da tenda, no seu balcão, e respondeu:

— Aqui estão as minhas armas. E ergueu para os tiros e soldados, para que todo o mundo visse, as armas com que defende a tenda e provoca o Governo de Juarez e Café. Eram duas muletas. Multado, vivia daquela venda, com a sua mulher e filhos. E estas, assustadas, viram foi o seu quarto invadido pelos soldados de metralhadora em punho. Colchões revolvidos, panelas reviradas e mais: os policiais olharam as pastas escolares das meninas: coisa de inspirar suspeita e coisa de polícia. Levistaram as pastas, amassando com a mão suja os cadernos escolares. A mulher na cozinha ficou à um canto, ouvindo o grunhido do tira:

REUNIÃO DOS SAPATEIROS
Os sapateiros vão se reunir amanhã, segunda-feira, a partir das 19 horas em seu Sindicato, para tratar da posse da diretoria recentemente eleita, pois foram apresentados por agentes ministerialistas dois recursos contra a validade do pleito.

SERÁ NEUSA, A RAINHA?

Neusa é esta linda operária, que os metalúrgicos escolheram para sua candidata ao título de Rainha dos Trabalhadores do Distrito Federal. Trabalha na General Electric, goza da simpatia e estima de todos os seus companheiros de trabalho e tem confiança de que vencerá. Para isso, Neusa está fazendo cursos de inglês, francês e espanhol, além de outros idiomas. Ela é uma das poucas operárias que sabem ler e escrever.

DEU PANO E TINTA
Entré as diversas cidades maranhenses do interior, é em Caxias que a campanha contra a candidatura do nobre e humilde tenente de maior impulso. Conta com o apoio de todas as correntes políticas e classes sociais. Procurado por alguns patriotas, o Sr. Acir...

DIRETOR
PEDRO MOTA LIMA
Redação e Administração:
RUA GUSTAVO LAURENÇA
12 - sub - 110 de Janeiro

TELEFONES
Direção 22-4771
Imprensa 22-4518
Portaria 22-3010

VENDE AVULSA:
Número do dia 1,00
Número atrasado 1,50

ASSINATURAS:
1 ano 200,00
6 meses 120,00
3 meses 70,00

ESTRANHOS:
1 ano 300,00
6 meses 180,00
3 meses 100,00

SUBSCRITAÇÃO
RUA DOS ESTADUADES, 21 - sala 29
SUBSCRITAÇÃO EM NOVENHO:
Rua Visconde de Uruguai, 101 - sub. sala 108

AJUDA A IMPRENSA POPULAR
Esteve ontem em nossa redação o Sr. João José Alves, ocasião em que nos fez entrega da importância de 400 cruzeiros, como ajuda a este jornal.

O Sr. Antonio Gotelipe, ex-vereador em Nova Iguaçu, também nos visitou ontem, deixando como contribuição a IMPRENSA POPULAR a quantia de 300 cruzeiros.



Como nazistas, quando invadiram e saqueavam, os policiais do Sr. Cortes levaram ruidosa sanfonas de mão que pertenciam aos trabalhadores da favela.

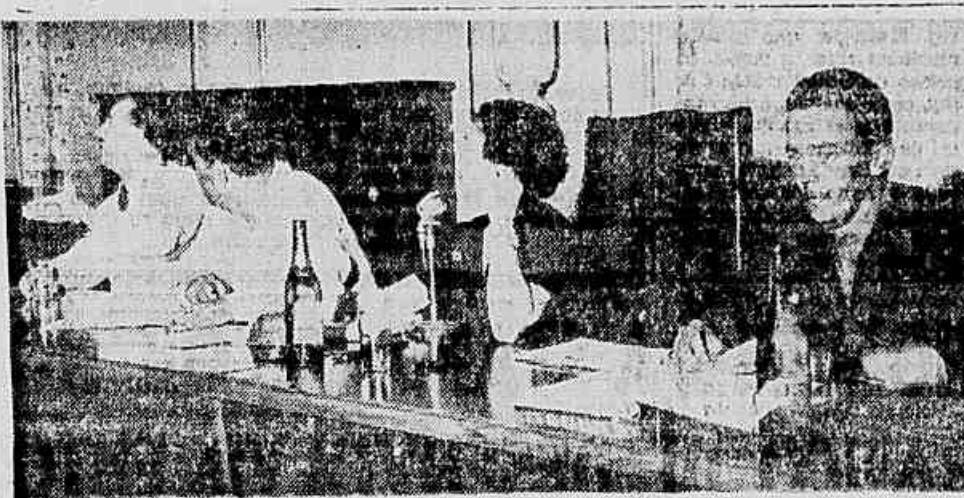
Bicampeão Carioca o Flamengo

Sagrando-se definitivamente bicampeão carioca de futebol o Flamengo, sem ainda nenhuma derrota neste terceiro turno, bateu o Vasco por 2x1, proporcionando à torcida rubro-negra uma antecipação do Carnaval.

Os quadros jogaram com os seguintes elementos: VASCO — Vitor Gonzalez; Paulinho e Elias; Laerte, Mirim e Dario; Sabará, Ademir, Vavá, Pinga e Parodi. FLAMENGO — Garcia; Tomires e Pavão;

Servílio, Dequinha e Jordan; Paulinho, Rubens, Indio, Benitez e Evaldo. JUÍZ — Antonio Viug, cuja atuação mereceu reações por parte da torcida. RENDA — Cr\$..... 1.727.909,70. IRREGULARIDADES — No primeiro tempo um penalti de Pavão em Vavá não foi assinalado e o gol de Indio foi marcado exatamente quando Elias, que devia marcá-lo, estava machucado e portanto impossibilitado de fazê-lo.

GOLS
Os gols foram de au-



O Sr. Irineu Mendonça, chefe da Assistência Sindical do Ministério do Trabalho, quando falava na assembleia dos operários da Telefônica, tumultuada reunião.

TUMULTUADA A ASSEMBLEIA PELO REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO

Na assembleia que os trabalhadores da Cia. Telefônica realizavam anteontem, quando se discutia a legalidade ou não do afastamento de três operários do trabalho para que, mantidos pelo Sindicato, assessorassem a diretoria na direção da campanha reivindicatória, deu entrada no recinto o Sr. Irineu Mendonça, chefe da Divisão de Assistência Sindical do Ministério do Trabalho. Mais tarde, ele esclareceu que ali havia ido «por

conta própria», sem convite da Diretoria do Sindicato. Ou melhor, foi por ordem da Companhia Telefônica Brasileira.

Como lhe fizessem uma consulta sobre o caráter legal ou não do desligamento dos três trabalhadores para formar uma comissão de assessores, o representante do Ministério do Trabalho (conforme afirmou ser), aproveitou a oportunidade para assumir praticamente a direção da assembleia, despejando toda a orientação ministerialista (e da Telefônica) sobre os trabalhadores. Não respondeu a pergunta que lhe fora feita e resolveu mostrar porque «não se deve criar tais comissões, sempre insinuadas por grupos organizados». E quando disse que a Diretoria do Sindicato deve gozar da confiança da corporação, forte murmúrio percorreu a assistência. José Faustino de Alcântara, líder dos trabalhadores da Telefônica, resolveu desmascarar o agente do Governo e propôs então um voto de desconfiança à diretoria, para que assim ficasse evidente porque era tão necessária a criação da comissão de assessores.

Conclusões

Articula-se Nova...

O campo das conjeturas políticas que a marcha dos acontecimentos por aqui, permite, inclusive, que se presumam estejam o Sr. Juscelino Kubitschek e partidários seus, marchando para o caminho que pretende seguir a camarália de 24 de agosto.

REFORMA DA CONSTITUIÇÃO

Vinte e quatro horas antes da convenção que homologou a candidatura do Sr. Juscelino Kubitschek, o Sr. Armando Falcão, que foi figura de relevo no golpe de 24 de agosto, procurou, juntamente com os Srs. Benedito Valadares e Cirilo Júnior, os Ministros militares e o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, General Canbort Pereira da Costa. O vespertino do Sr. Assis Chateaubriand, da Standard, escreveu a propósito, ontem, que o ministro da Guerra falava pelo Brigadeiro Eduardo Gomes. E assinala, depois:

«REAJAM, COVARDES»

Colocada em votação a proposta de José Faustino, em uma assembleia com centenas de pessoas, apenas duas se levantaram votando por sua rejeição. Furioso, o Sr. Irineu Mendonça apressou-se de um microfone e desandou, apoplético, a gritar: — Reajam, covardes! Não se deixem levar por grupos organizados! Apenas quatro pessoas se levantaram, enquanto uma dezena de tiros do DOSP, até então escondidos, invadia o recinto da assembleia numa brutal tentativa de coação. Formou-se um princípio de tumulto. Irineu Mendonça, nova estrela do intervencionismo nacionalista, não largava o microfone e prosseguia a nos incutir à assembleia, ameaçando suspender a sessão se fosse o presidente da mesa que dirigia os trabalhos.

Pedem a Petrobrás Uma Refinaria no Ceará

Memorial das Associações do comércio e indústria daquele Estado entregue ao Coronel Arthur Levy

REUNIÃO DO MAIP FLUMINENSE
No próximo dia 15, terça-feira, às 20 horas, será realizada, na sede da sucursal da IMPRENSA POPULAR, uma reunião promovida pelo MAIP fluminense, para a qual estão convocados todos os representantes de municípios, ajustados e amigos do jornal da Verdade e da Paz. Será oferecido aos presentes a esta reunião um coquetel.

ORGANIZA-SE O POVO MARANHENSE PARA A DERROTA DE CHATO

S. LUIZ, 12 (Especial) — Desenvolve-se, em todo o Maranhão, a luta contra a candidatura de Chateaubriand. Nesta Capital, já se formaram os primeiros Comitês Populares de Oposição, que contam com a geral simpatia da população. Em Caxias, diversas personalidades estão providenciando o lançamento de manifestos, que serão assinados por industriais, comerciantes, profissionais liberais, operários e lavradores. Também serão colocados, nas diversas cidades maranhenses, milhares de faixas com dizeres alusivos à repulsa popular ao infame cambalhão.

PROBLEMA N. 592
PALAVRAS CRUZADAS
(Para médios)

1	2	3	4
1			
2			
3			
4			

HORIZONTAIS E VERTICAIS
1 — Camião entre montanhas.
2 — Parente por afinidade.
3 — Unidade monetária de um país europeu.
4 — Escolher.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 591
HORIZONTAIS — 2 Mús.; 3 Art.; 7 Lo.; 8 Lar.; 9 Ac.; 10 Mo.; 11 Mar.
VERTICAIS — 1 Malar.; 2 Ad.; 4 Solar.; 6 Rar.; 10 Mo.

Lenços Fantasia Para Senhoras — Cr\$ 50,00
Os lenços, batis, bordados, com bordas decoradas, estampados, em última seda — Cr\$ 50,00. Nota: velha oferta de AMAUEX, Rua da Alfândega, 218 — 3º andar.

MOSCOU, 12 (AFP) — Os dirigentes do Estado Soviético e do Partido Comunista compareceram ontem à noite ao espetáculo no Bol.

RELAÇÕES NIPIS-SOVIÉTICAS

TOQUIO, 12 (AFP) — O Japão aguarda a resposta oficial soviética às perguntas formuladas pelo embaixador japonês junto à ONU, Sr. Kenzo Sawada, antes de estabelecer oficialmente conversações para normalizar as relações entre os dois países. — É o que afirma declaração conjunta publicada hoje pelos senhores Ichiro Hatoiyama,

chefe do Teatro, comemorativo da década da literatura e da arte biel-russas que se realizou nesta cidade. O espetáculo foi aberto com a execução do Hino Nacional. A Agência Tass citou os dirigentes presentes: O Marechal Bulganin, Presidente do Conselho, os Primeiros Vice-Presidentes do Conselho Molotov e Kaganovich, os Vices-Presidentes Mikoyan, Milovan, Pervukhin e Saburov, o 1.º Secretário do Comitê Central do PCUS Khrushchev, e os Secretários do Comitê Central Stalín, Pospelov e Chatalin.

Manifestações de Protesto Dos Camponeses da França

CONTRA PROJETOS DO GOVERNO BELGA — Bruxel'as, 12 (A.F.P.) — Será organizado nesta capital um dia de protesto contra os projetos escabrosos do governo. A Comissão Nacional para a Defesa das Liberdades Democráticas, organismo que reúne a maior parte das grandes organizações da Bélgica, inclusive o Partido Social-Cristão e o Movimento Operário Cristão, anunciou aquela iniciativa em comunicado no qual proclama que «jamais reconhecerá a legalidade desse projeto anticonstitucional, injusto e ditatorial» e faz um apelo «à nação inteira para que participe dessa luta contra a opressão». Ainda não foi fixada a data do dia de protesto.



Os imperialistas americanos continuam desenvolvendo feroz campanha contra o nosso principal produto de exportação — o café — que, em Nova Iorque é cotado por preços baixos.

Protestos dos camponeses contra a política do Governo

PARIS, 12 (AFP) — A circulação nas estradas, em quase toda a França, esteve muito seriamente entravada, se não mesmo completamente impedida, durante algumas horas no decorrer da manhã de hoje, devido a manifestações organizadas pelos agricultores e pelos voluntários, para protestar contra a política agrícola do Governo. Os manifestantes, com efeito, entulharam as estradas com veículos de toda espécie, alguns deles velhos de mais de um século, que constituíam verdadeiras peças de museu: tratores com rebocos, carros ou charretes puxados por bois ou por cavalos, etc. Distribuídas por várias colunas, essas viaturas subiam e desciam pelas estradas, impedindo-as completamente quando se cruzavam. Os grupos avançavam lentamente, em fila dupla ou tripla, constituindo imponente obstáculo.

600 MILHÕES DE CHINESES DECIDIDOS A LIBERTAR FORMOSA

Calorosamente acolhidas na China as decisões do Soviet Supremo da URSS — A libertação da ilha é uma tarefa sagrada na defesa da independência nacional, constituindo um caso puramente de política interna — Continuam as provocações dos belicistas norte-americanos

PARIS, 12 (AFP) — «O povo chinês acolheu calorosamente as históricas decisões tomadas pelo Soviet Supremo da União Soviética», declara em editorial citado pela agência «Nova China» o jornal «Jen Min Je Pao» (Diário do Povo) de Pequim.

Acentua o editorial: «Contrariamente aos esforços da União Soviética, da China, das Democracias Populares e de alguns países como a Índia, que têm como objetivo a redução da tensão internacional, os Estados Unidos e os seus satélites procuram a expansão pelas armas e pela guerra. Os Estados Unidos procuram reforçar os seus blocos militares agressivos na Europa, no Oriente Médio bem como na Ásia Oriental, para organizar assim um sistema agressivo e realizar o cerco militar da União Soviética, da China e das outras potências democráticas. Essa sinistra política aumenta a ameaça de uma nova guerra mundial». Afirma por outro lado o editorial: «Os seiscentos milhões de chineses estão firmemente decididos a libertar Formosa e as outras ilhas. Trata-se da luta sagrada na defesa do território chinês e da independência nacional. Devem ser retiradas de Formosa todas as forças norte-americanas e a libertação dessa ilha constitui um caso puramente interno chinês, não sendo admissível qualquer intervenção estrangeira». Conclui o editorial: «O fato de que nem a União Soviética, nem qualquer das potências das Democracias Populares, sem subestimar de modo algum os perigos a que a política agressiva dos Estados Unidos expõe a paz, fletam limitadas por essa política».

va mensagem de Chu En Lai, primeiro Ministro da China Popular. Acreditado, porém, que tenha chegado nova comunicação de Pequim à ONU depois que Chu En Lai explicou ao Sr. Hammarskjöld, na semana passada, em mensagem pessoal, os motivos da sua recusa em participar dos trabalhos do Conselho de Segurança e o constante desejo da China Popular de solucionar pacificamente os problemas do Extremo Oriente.

TERMINADA A EVACUAÇÃO WASHINGTON, 12 (AFP) — Esta terminada a operação de evacuação das ilhas Iachens, anunciou ontem à noite o Departamento de Estado.

PROVOCAÇÃO WASHINGTON, 12 (AFP) — O Departamento de Estado entregou à imprensa o seguinte comunicado: «As forças navais e aéreas dos Estados Unidos que apoiam e protegem a evacuação das

EXÉRCITO IANQUE DO VIET-NAM DO SUL

SAIGON, 12 (AFP) — O Presidente do Conselho, Sr. Ngo Dinh Diem, anunciou em entrevista concedida a imprensa que seria aplicando a partir de hoje o programa de instrução do exército vietnamita (do Sul) pela missão norte-americana. Acrescentou Diem: «A plena responsabilidade pela organização e pela instrução das forças armadas vietnamitas será assegurada pelo General O'Daniel, chefe da missão norte-americana. Sub a autoridade do General Paul Ely, comandante supremo na Indochina, indicou em seguida o Presidente do Conselho que o pessoal norte-americano seria mantido, concorrentemente com o pessoal francês, como conselheiros e instrutores das forças armadas vietnamitas».

VISITA DE DULLES

SAIGON, 12 (AFP) — O Presidente do Conselho do Viet-Nam do Sul, Sr. Ngo Dinh Diem, anunciou hoje de manhã que o Secretário de Estado norte-americano John Foster Dulles havia aceitado o convite do governo vietnamita (do Sul) para vir a Saigon após a conferência de Bangkok. A visita de Dulles seria realizada no fim deste mês.

ESQUADRILHA IANQUE

WASHINGTON, 12 (AFP) — Uma esquadilha de caças a jato «F-86» pousou em Formosa para tomar parte na evacuação da ilha, declarou hoje um porta-voz das forças aéreas norte-americanas.

OTICA SAO MIGUEL Laren de São Francisco nº 23 — 1.º andar.

Condenados os Traidores

PARIS, 12 (AFP) — Duas pessoas foram condenadas ontem, à prisão perpétua e uma outra a treze anos de prisão pelo Tribunal de Bucarest, que os reconheceu culpados de atividades criminosas com o objetivo de derrubar a República Popular Húngara, anunciou ontem à noite a agência húngara M.T.I.

A mesma agência deu os seguintes detalhes sobre as pessoas condenadas e suas atividades:

Os dois condenados à prisão perpétua foram Othmar Faddy, de origem húngara, e Kalman Galari, ex-proprietário agrícola e ex-oficial do regime de Horthy. O terceiro condenado é Lajos Bonis, antigo frade. Todos os três dirigiam uma organização contra-revolucionária, no seio da qual estavam reunidos antigos proprietários agrícolas, clérigos, oficiais do regime de Horthy, membros dos antigos partidos fascistas e vários dirigentes do aparelho de Estado de Horthy.

Os acusados, prossegue a Agência Húngara, tinham fixado por objetivo a destruição da República Popular e a restauração do regime de grandes proprietários territoriais e dos capitalistas na Hungria, com a ajuda das potências imperialistas. Tinha elaborado vários planos contra-revolucionários para a restauração das antigas instituições e tinham enviado seus projetos aos fascistas húngaros que vivem nos Estados Unidos.

Os acusados — concluiu a agência húngara — reconheceram suas atividades criminosas.

MASSA DE MANDIOCA PUBA (Carimã)

Recebemos grande este que diariamente do Norte Especial para Min gaus, Bolos, etc.

Casa Barcas de Comestíveis Ltda. Praça 15 de Novembro.

REPORTER POPULAR TELEFONE: 22-8518

DIFÍCIL A FORMAÇÃO DO GABINETE FRANCÊS

Os prováveis ministros — A reforma constitucional feita por Mendès-France favorece, agora, o Sr. Pflimlin

PARIS, 12 (AFP) — O Sr. Pierre Pflimlin, que apresentou ontem à noite sua candidatura definitiva à missão de formar o novo Governo, precisou que pretendia se apresentar perante a Assembleia Nacional segunda ou terceira-feira próxima e que reiniciaria suas consultas esta manhã.

Tratando das conversações realizadas no dia de ontem, disse: «Essas conversações me deram a convicção de que poderia emprender hoje a constituição do gabinete». O Presidente do Conselho designado revelou que os porta-vozes do grupo socialista lhe haviam informado que «não havia parecia possível a participação no governo» mas que os socialistas «encaravam favoravelmente a possibilidade de contatos regulares entre seu grupo e o governo, particularmente no que diz respeito à política estrangeira e à África do Norte».

O GABINETE PARIS, 12 (AFP) — Antoine Pinay, René Mayer, Robert Schuman, André Morice, Paul Bacon, General Koenig figuram entre os mais apontados para ocuparem pastos no Governo que o Sr. Pflimlin pretende organizar.

Os citados políticos ocupariam as seguintes pastas: Antoine Pinay — Vice-Presidente do Conselho e Ministro da Defesa Nacional; René Mayer — Ministro das Relações Exteriores; Robert Schuman, Ministro das Finanças; André Morice, Ministro do Interior; Paul Bacon, Ministro do Trabalho; General Koenig, Ministro de Estado.

O Gabinete Pflimlin terá também certo número de Secretariados e Subsecretariados de Estado.

DISPOSIÇÃO NOVA DA CONSTITUIÇÃO Apresentando-se no começo da próxima semana com seu Gabinete completo e sua política programada, ao Parlamento, o Sr. Pierre Pflimlin inaugurará uma disposição nova da Constituição, conforme a revisão de 30 de novembro último.

Mendès-France formou seu Governo depois de obter a investidura do Parlamento. Pflimlin levará seu Governo pronto e o Sr. Pflimlin terá a honra de conceder o recusa a confiança ao programa e a política de uma equipe. Logo ao princípio da sessão, será lida, pelo Presidente da Assembleia, a lei

FOLIOES CARIOCAS

Esporte Clube Novos Rumos fará realizar o maior grito de carnaval de 1955. Domingo, 13 de fevereiro, das 21 horas à 1 hora, nos salões da Rua Alvaro Alvim, 24 — 2.º andar.

Abrihantará, a famosa orquestra de Peruzzi. Decorações típicas, bar e buffet.

Adquiram seus convites na sede de Novos Rumos, à Rua Senador Dantas, 35 — 2.º andar — Sala 1.

Mecânico de Máquina de Costura

Conserta, compra e vende máquinas de costura usadas Reformas em geral — Vendem-se máquinas novas à prestação — Tel.: 49-8310

MESMO QUEM GANHA POUCO PODE OBTER UMA BOA DENTADURA

Dentaduras com estéticas e maxilização perfeita, excelente atendimento — LABORATORIO DE PROTESE PROPRIO — Em casos especiais, dentaduras em um dia apenas — Consertos em 30 minutos — Facilidade de pagamento

DR. N. ISIDORO RUA ELIPIDIO BOA MORTE 285 - 1.º and. — Tel.: 49-1075 (Próximo ao CAPS da Praça da Bandeira) — Diariamente, das 8 às 19 horas.

O SEU DINHEIRO VALERA MAIS SE VOCÊ COMPRAR EM AMAURY

Lençóis, meias e gravatas a preços de arrepiar. Países belíssimos. Confecções AMAURY — Rua da Afan-dega, 318 — 1.º andar.

ROUPAS À CRÉDITO

CAMISARIA — ALFAIATARIA — ARTIGOS PARA HOMENS — CONFECÇÕES PROPRIAS

JEWEL

Av. Treze de Maio, 23 Sala 932 — Edifício DARK — Tel. 32-6383

NAS RUINAS DE POMPEIA

NAPOLES, 12 (AFP) — Foram descobertos nove esqueletos sepultados em uma casa de Pompéia, no transcurso de pesquisas que se realizam nas partes da cidade ainda soterradas. Limpando a entrada de uma casa que acabava de ser desenterrada da camada de pedras vulcânicas, os operários se encontraram diante de esqueletos amontoados um sobre os outros a alguns metros da porta. Foram descobertas nas proximidades moedas de ouro, de prata e de bronze, bem como anéis e jóias de mulheres.

Comentando essa descoberta, considerada como uma das mais impressionantes desses últimos anos, o professor Maiuri, Superintendente das Buscas de Pompéia, assim reconstituiu o drama: No momento da erupção (no ano 79 da nossa era) um grupo de habitantes da cidade se atrasou em casa e não conseguiu sair, por ter a camada de lava e de rochas vulcânicas obstruído a porta. Os infelizes não tardaram em morrer asfixiados pelas emanções da massa de cinza incandescente e foram sepultados pelos escombros da abóboda desmoronada. É indubitável que não conseguiram fugir a tempo por terem procurado levar o dinheiro e as jóias.

Rádio de Moscou

TRANSMITE PROGRAMAS DIÁRIOS PARA O BRASIL DAS 20 AS 21 HORAS.

Em castelhano: das 21 às 23 horas

As transmissões da Rádio Central de Moscou para a América Latina são feitas pelas ondas de 31 e 41 metros.

Problemas

REVISTA MENSAL DE CULTURA POLÍTICA

Diretor: DIÓGENES ARRUDA

SUMÁRIO

NOSSA POLÍTICA — A União Soviética, Ocaso da democracia — Editorial

As contradições no Comunismo — J. V. STALIN

Sobre o Projeto de Constituição da República Popular da China — LIU CHAO-TSI

Constituição da República Popular da China —

As bases científicas da política da União Soviética — V. NICOLAIEV

Experiências do P.C.U.S. —

A propaganda por meio de conferências, importante forma de trabalho ideológico — A. ROSSOLNIKOV

— V. NASTIN

Novembro de 1954 63 Preço: Cr\$ 3,00

A VENDA EM TODAS AS BANCAS

DOCUMENTÁRIO SOBRE GALAPAGOS

OSLO, 12 (AFP) — A «première» mundial do filme documental em cores, realizado nas Ilhas Galapagos por uma expedição norueguesa, com a colaboração de Ivar Høyem e de Per Høest, será exibida na próxima segunda-feira, dia 14, nesta capital.

Esse filme é comentado por três dos exploradores noruegueses, bem como por uma jovem suíça, Suzzy Cony, que permaneceu nessas ilhas.

A película mostra particularmente as investigações arqueológicas cujos resultados corroboram a teoria de Høyem, sobre a existência de «Kon-Tiki». Os índios atravessavam o oceano a bordo de canoas e se dirigiam a pesca nas Galapagos.

O filme é também consagrado, em grande parte, à vida dos animais dessas ilhas.

EM 24 HORAS

ANGARA, 12 (AFP) — A Comissão de Justiça da Grande Assembleia Nacional turca continuou a condenação à morte imposta pelo Tribunal Militar contra o georgiano Ivan Adamian e contra o armênio Nicolai Antonov.

CHICAGO, 12 (AFP) — O último balanço das vítimas do incêndio que destruiu, na noite passada, um hotel desta cidade, atingiu a 21 mortos e quinze feridos.

HAVANA, 12 (AFP) — Foram libertados de madrugada, depois de interrogados, doze pessoas presas durante a noite de quinta-feira pelo «Serviço de Inteligência Militar». Ocorreu essa prisão quando as citadas pessoas se reuniram para inaugurar a organização denominada «América Latina Livre», declarada ilícita pelo Governo. Entre os presos figurava o ex-senador ortodoxo Pelayo Navarro. Dos doze presos são contrários ao atual Governo de Cuba.

WEST UNION — Minnesota, 12 (AFP) — Vinte pessoas ficaram feridas ontem em consequência do desbaratamento de um trem de passageiros, ocorrido nas proximidades de West Union.

BUENOS AIRES, 12 (AFP) — Uma passageira de um avião procedente de Lima foi detida no aeroporto desta capital, visto haver, ali, falsificado um documento, dissimulando em sua bagagem, 33 quilos de ouro em lingotes.

ASSEMBLÉIAS

Jornalistas

1990



Trabalhando em horários canalhados, estas jovens ganham salários baixíssimos, vivendo em um clima de verdadeira opressão

TELEFONISTAS TRABALHAM ATÉ DOZE HORAS POR DIA

HORARIOS "PARTIDOS" E QUINZENAS SEM DESCANÇO — É PÉSSIMA A REFEIÇÃO QUE A LIGHT FORNECE — FISCALIZAÇÃO IMPLACAVEL E MULTAS DE TODO TIPO

A telefonista é geralmente mais conhecida como uma jovem que fala muito rápido e por expressões padronizadas. Mas o que poucos sabem é que por trás daquele «faça o favor de esperar», «aguarde na linha» ou «ligação pronta», estão na realidade não jovens brincalhonas e sorridentes, mas verdadeiras meninas, até de 14 e 15 anos, executando um trabalho de responsabilidade, cansativo, que exige esforço mental e lhes aniquila a saúde.

HORARIOS PARTIDOS

Há telefonistas no Distrito Federal que entram às 8 horas da manhã e só saem 12 horas depois. São os chamados «horários partidos», com intervalo de 4 horas durante o dia. As jovens que trabalham neste horário saem de casa bem cedo, pela manhã e só regressam à noite.

Além da rigidez dos horários, há outro sério problema das empregadas da Companhia Telefônica Brasileira. O repouso semanal muitas vezes não é semanal. Fica a critério da empresa e muitas vezes as telefonistas trabalham até 15 dias consecutivos, em horários de 12 horas, sem um dia de descanso. E passam meses inteiros trabalhando com 3 folgas mensais apenas.

Uma ligeira mostra do regime de trabalho imperante na Telefônica deu há dias a chefe Cândida, ao informar às telefonistas que não admitirá falta nos dias de carnaval. «nem que fiquem doentes».

SALÁRIOS BAIXÍSSIMOS

É considerável entre as telefonistas, o número de menores de 18 anos. A causa,

torna-se quase desnecessário dizer, é a permissão que a lei dá de se pagar aos menores a metade do salário do adulto. As jovens de menor idade ganham quase sempre 1.200 cruzeiros. E as outras, segundo a carteira profissional, 2.400 cruzeiros. Mas, na realidade ganham menos, pois são crivadas de descontos. Por exemplo: todas as ligações erradas, seja por culpa das empregadas ou dos assinantes, são descontadas dos salários das telefonistas. A Light é que não perde nunca. O resultado é que a maioria das telefonistas, ao fim do mês, dificilmente consegue receber mais de 2.000 cruzeiros.

PÉSSIMA ALIMENTAÇÃO

A com a fome das telefonistas no restaurante da empresa é inqualificável e nos últimos dias ela assim pode ser sintetizada, inviolavelmente: Arroz cru, feijão azedo e bolinhos de carne deteriorada. São frequentes, por isso, os casos de intoxicação alimentar.

Há ainda outros aspectos do desprezo absoluto da Companhia Telefônica pela saúde de suas jovens empregadas. Inúmeras vezes elas adoecem, vão ao SAM-DU, trazem atestados médicos, mas a Light não os aceita. Os médicos da empresa, pagos para nunca licenciar, são os que dão a última palavra.

Existe, além de tudo isso, um clima de opressão sobre as telefonistas. Há uma verdadeira rede de encarregados, assistentes, chefes, sub-encarregados, superintendentes, etc., todos eles com uma única função: vigiar as telefonistas, puni-las por qualquer razão (muitas vezes sem razão) e denunciar todas aquelas que reclamam contra as péssimas condições de trabalho.

As telefonistas, todavia, não se deixam abater e cada dia lutam mais e mais a consciência da necessidade de ingressar em seu Sindicato e de lutar a empresa, a lhes dar a melhor remuneração e melhores condições de trabalho.

que Mes vivem, com a extensão do Cais.

O desamparo de que são vítimas os pescadores de todo o nosso país é refletido nas próprias condições em que trabalham. Os da Colônia Z-5 nem ao menos conseguem ter suas próprias embarcações, mas trabalham em canoas e pequenos barcos alugados.

SÓ HOUVE ÁGUA ATÉ AS ELEIÇÕES...

Passado o pleito, foi cortado o cano — Vingança do candidato que não conseguiu eleger-se? — A triste situação dos moradores da Rua Eugênio Paiva

Na Rua Eugênio Paiva, em Senador Comar, moram cerca de cem famílias que não têm água e contam agora uma história sobre a demagogia de certos candidatos em tempo de eleições e do desprezo da Prefeitura pelos bairros pobres da cidade.

Como não houvesse água na rua, os habitantes da Rua Eugênio Paiva cotizaram-se e juntaram mil e duzentos cruzeiros para obter uma bica, logo entregues a três cavalheiros que se distam muito amigos da localidade. São eles: Osmar Rezende, Bento Braga, e um tal Nicanor. Como fossem candidatos a vereadores, os «amigos do povo» conseguiram com a Prefeitura, à custa dos mil e duzentos cruzeiros, um... bica d'água para a Rua Eugênio Paiva. Houve inauguração, muito discurso, choveram promessas. Era véspera de eleição. O tempo passou.

NÃO ÁGUA NEM OS 1.200 CRUZEIROS

Agora a Prefeitura cortou o cano, não há um pinga d'água na bica e não foram devolvidos os mil e duzentos cruzeiros. Bento Braga, derrotado nas eleições, é funcionário do Departamento de Águas e Esgotos da Prefeitura. Acreditam que ele foi um dos responsáveis pela maldade, pois nas urnas de Senador Comar não apareceu um único voto para ele... Aham os moradores que o candidato se ciçou.

Há também os que acusam o Nicanor, que é fiscal da



O SAPS entregou ao Ministério da Educação o Restaurante da Faculdade Nacional de Medicina. O Rector Pedro Calmon já anunciou que o mesmo será fechado. A mesma ameaça pesa sobre o Restaurante Central dos Estudantes, da Ponta do Calabouço

NÃO PODEM OS ESTUDANTES PAGAR MAIS PELAS REFEIÇÕES

Amanhã, às 20 horas, importante assembleia na UNE, para tratar da questão dos restaurantes do SAPS

Será realizada na sede da UNE, amanhã, às 20 horas, uma assembleia para tratar da ameaça que pesa sobre o Restaurante da Ponta do Calabouço. Deverão comparecer à importante reunião todos os Presidentes de Diretórios Acadêmicos e grande número de estudantes.

A AMEAÇA

Depois de falar-se insistentemente sobre o fechamento do Restaurante dos Estudantes, da Ponta do Calabouço, anuncia-se, agora, que o SAPS devolverá esse restaurante ao Ministério da Educação e Saúde. Pelo menos a nota publicada pelo SAPS

em alguns jornais diz isso. Os estudantes, porém, não concordam que o Ministério tome conta do restaurante e apresentem suas razões.

AUMENTARÁ O PREÇO

Ontem, a reportagem da IMPRENSA POPULAR esteve em contato com um grupo de estudantes.

Segundo os estudantes, se o Ministério tomar conta do restaurante, forçosamente terá que abrir concorrência para firmas particulares, já que o Ministério não possui um setor de alimentação. Estas firmas, certamente, cobrarão duas vezes mais o preço das refeições, o que não é nada interessante para os estudantes em sua maioria pobres, que irão ser prejudicados.

REFUTANDO AS ALEGAÇÕES

Sobre a alegação do Diretor do SAPS de que o mesmo foi feito para atender aqueles que contribuem para os institutos, os estudantes afirmam que 95% dos comensais trabalham e são contribuintes de institutos. Dessa maneira fazem jus à assistência alimentar do SAPS. Disseram ainda os estudantes que o Diretor do SAPS não pode fazer lei e que ele próprio é um intruso de acordo com o próprio regimento interno do SAPS, que diz que esta autarquia deve ser ocupada por um médico ou um economista.

Instituído o "Mês do Abono" Para os Servidores Municipais

União dos Operários Municipais dá apoio à iniciativa da Associação Pereira Passos e ao Centro Antônio Prado Júnior — Abono em bases iguais ao do funcionalismo federal e autárquico



Os Srs. Alacirino Tavares, Valdemar Pitanga e Eduardo Rezende, quando, em nossa redação, falavam à reportagem

«Damos todo apoio à iniciativa da Associação Pereira Passos e do Centro Antônio Prado Júnior, que se vêm destacando na luta pelo abono de emergência ao funcionalismo municipal» disse, ontem, em nossa redação, o Sr. Alacirino Tavares, Valdemar Pitanga e Eduardo Rezende, respectivamente, presidente e membros do Conselho Deliberativo da União dos Operários Municipais.

ACRESCENTANDO:

— Concluímos todas as demais associações do funcionalismo municipal e que também empreguem seus esforços para a rápida conquista do abono de emergência.

MÊS DO ABONO

Reivindica também o funcionalismo municipal o pagamento do abono de emergência desde o mês de novembro e não a partir de janeiro, como aconteceu na vez passada. Nesse sentido, farão entrega de um memorial, com milhares de assinaturas, ao Prefeito Alon Pedro, no próximo dia 10 de março. Salientou o Sr. Alacirino Tavares:

— Para maior incremento de nossa luta, a U.O.M. instituiu o «mês do abono» em março próximo, quando nossa vitória deverá ser conseguida.

O funcionalismo municipal reivindica abono de emergência nas mesmas bases que o conquistado pelo funcionalismo federal e autárquico.

Imprensa POPULAR

Ano VIII ★ Rio de Janeiro, domingo, 13 de fevereiro de 1955 ★ Nº 1.428

CASAS DE SAÚDE PARTICULARES SUSTENTADAS PELOS INSTITUTOS

Mais da metade de seu movimento é pago pelas autarquias de previdência — Má assistência médica — Um porão transformado em enfermaria

Um associado do Instituto dos Incapacitados (IAP) esteve em nossa redação protestando contra a má assistência médica prestada pelo Instituto através da Casa de Saúde Portugal, à Rua do Bispo, 72.

O Instituto, em lugar de prestar assistência aos contribuintes em hospital próprio, mantém com a maioria das casas de saúde da cidade com contratos penhorados. O movimento de mais da metade das casas de saúde é, em cerca de 80%, de contribuintes do IAP e de outros institutos e caixas de aposentadoria.

ENFERMARIA EM UM PORÃO

Disse-nos o contribuinte do IAP que na Casa de Saúde Portugal as condições em que são tratados os doentes são

tão precárias que até um porão foi transformado em enfermaria. É um local abafado e que de maneira alguma poderia servir para a instalação de doentes. O seu teto é baixo, a menos de 2 metros e meio do piso. Um homem alto pode tocar o forro com o braço estendido.

FALTA DE HIGIENE E CONFORTO

A Prefeitura exige, até das residências, que os detritos sejam colocados em depósitos fechados. É uma medida de higiene. Entretanto, na Casa de Saúde Portugal, bem em frente ao refeitório há um tanque velho de carvão onde são postos todos os detritos, inclusive dos excrementos. A copa não tem esterilizador e os doentes podem, assim, transmitir doença uns aos outros.

O próprio refeitório não passa de uma sala improvisada coberta com telhas de amianto, dentro uma mesa velha coberta por um encardado. Nem água há na mesa. O doente, na hora do almoço, se sente sede ten: que ir à enfermaria.

LEVANDO CHUVA

Há operações que são feitas em um pavilhão isolado. Casa esteja chovendo quando o doente é transportado para a sua enfermaria, é levado sem nenhuma proteção, arriscando-se a uma pneumonia.



Em vez de auxílio, o governo coage os pescadores da Colônia Z-5, que estiveram na iminência de serem despejados da Quinta do Caju onde vivem há muitos anos. Sua luta, porém, fez recuar, agora, o propósito da Administração do Porto do Rio de Janeiro

Continuarão, na Quinta do Caju, Os Pescadores da Colônia Z-5

Garantias do próprio Engenheiro, encarregado da extensão do Cais do Porto — A Quinta do Caju mudou de dono e as vítimas sempre foram os pescadores — Nunca tiveram assistência por parte do Governo

A Administração do Porto do Rio de Janeiro recuou em seu propósito de despejar os pescadores da Colônia Z-5, no Caju. Eles, conforme afirmaram, ontem, à reportagem, poderão continuar onde estão, pois, para isso, foram procurados pelo próprio engenheiro, encarregado de dirigir as obras de aterro e extensão do Cais. Apenas tiveram de deslocar um pouco o local, em que

estendem as redes de pescar, ficando agora, encostado à Cidade Universitária.

O recuo da Administração do Porto do Rio de Janeiro não foi, porém, voluntário. É que os pescadores vinham empenhados, há muito tempo, em uma luta pela manutenção do local, onde, tradicionalmente, estão fixados.

HISTÓRICO

A história da Colônia Z-5 tem sido de lutas entre grupos diferentes, cujas vítimas são sempre os pescadores. O local, a Quinta do Caju, pertencia, inicialmente, ao próprio Pedro II, no tempo do Império. Permaneceu abandonada, durante muito tempo, quando veio a República, sendo, então, ocupada pela Companhia Casimiro

Identificadora, que fabricava, entre outras coisas, vagões ferroviários. Com sua falência, a Quinta do Caju ficou para a União, que destinou uma parte — a zona A — à Aeronáutica.

Os pescadores, que eram os verdadeiros donos da Quinta do Caju, pois viviam ali há muitos anos, sofriram toda sorte de coações. Os aluguéis, que sempre pagaram, eram majorados, cada vez que mudava o «senhorio».

ABANDONADOS

O Governo nunca deu aos pescadores da Colônia Z-5 qualquer espécie de auxílio. Ao contrário, durante muito tempo tentou expulsá-los, através da Administração do Porto do Rio de Janeiro, que pretendia ocupar o local, em

Paralisação de Protesto na Comércio e Navegação

Trabalhadores, aprendizes e ajudantes da Cia. Comércio e Navegação desta cidade paralisaram sexta-feira o trabalho em sinal de protesto contra a manobra dos pa-

trões que, ao invés de conceder o aumento de salários pleiteado, arrendaram, tão somente as diárias, a título de aumento.

Nestas condições, os trabalhadores tiveram, apenas, uma melhoria de 30 centavos para uns e 50 para outros nas diárias, quantia írisória e ridícula, que provocou revolta entre eles.

REPRESSALIAS DOS PATRÕES

Em represália ao protesto justo dos trabalhadores, a direção da Companhia suspendeu 2 operários por 15 dias e 8 estão ameaçados de demissão.

Uma comissão de trabalhadores, tendo à frente um delegado sindical, procurou entrevistarse com o diretor da Cia., Sr. Paulo Ferraz, que os destratou, usando termos arrogantes e violentos, dizendo mesmo ostensivamente que os que não estivessem satisfeitos podiam ir embora.

TIRAS NO LOCAL DE TRABALHO

Uma comissão daqueles trabalhadores esteve na sede da nossa sucursal em Niterói protestando contra tais fatos e para denunciar também a presença de tiras no local de trabalho, requisitados pela empresa para coagir e perseguir os trabalhadores.

ORGANIZAÇÃO

Como os moradores das demais favelas, os favelados do «Curral das Equas» também já estão providenciando sua organização, a fim de melhor resistirem às investidas fascistas da polícia. Como ainda adiantou nosso informante, dentro dos Trabalhadores Favelados, que lhes assegurará assistência médica e jurídica, além de uma escola.

AMARRADO DE PERNAS PARA CIMA DURANTE 15 MINUTOS O FAVELADO

Novas revelações das violências da polícia à Favela Curral das Equas — Embora tuberculoso e em tratamento esteve quatro dias sem comer, no depósito de presos — Fundarão um centro da UTF

Novas revelações de violências cometidas pela polícia do Coronel Geraldo Côrtes aos favelados foram nos feitas, ontem, em nossa redação, por um favelado. Um muralur do «Curral das Equas», em Magalhães Bastos, levou para a Delegacia de Vigilância e Castigos, passou 45 minutos no «mandacarra», isto é, amarrado com os pés para cima e a cabeça para baixo.

Um outro favelado, também do «Curral das Equas», embora tuberculoso em tratamento na Legião Brasileira de Assistência, passou quatro dias sem comer no depósito de presos da Seção de Furtos e Roubo, na Rua da Relação.

ROUBARAM A FACA

Os barracos eram arrabalhados e o seu interior revirado pelos soldados e «trás». O



NINGUÉM MORA EM FAVELA PORQUE GOSTA DA PAISAGEM

O PALÁCIO GUANABARA serve todas as semanas de palco para um verdadeiro desfile de miséria. São trabalhadores, mulheres grávidas, mães com crianças ao colo. Perdem dias de trabalho, viajam horas e horas nos bondes ou expõem-se com as crianças aos apertos e desastres dos trens da Central, carregam os filhos com fome porque não têm dinheiro para lhes comprar comida, enquanto esperam ser atendidos. É um desfile que resume a miséria em que vive grande parte da população do Rio de Janeiro.

Vem ao Palácio do governador da cidade pedir que lhes dêem o direito de morar mesmo que seja num ca-

Os números colhidos no Morro de São Carlos mostram que a situação deve ser semelhante em todas as favelas, desde que as condições de alimentação e higiene não são diferentes. Ali, já em 1948, havia tuberculosos em 239 famílias; lepra em 6 famílias, sífilis em 121; câncer, 34 e psicopatia em 83 famílias.

Nem cama para dormir

A estatística vem mostrando também que os favelados vivem apinhados dentro de seus barracos (a Prefeitura proíbe que aumentem o tamanho) e nem sequer têm cama para dormir. A média

A MISÉRIA LEVA 340.000 PESSOAS, NA CAPITAL DA REPÚBLICA, A VIVEREM EM CASEBRES INFECTOS — 19 PESSOAS EM UM BARRACÃO — SEM ÁGUA, SEM LUZ, SEM ESGOTOS E ATÉ SEM COMIDA — A POLÍCIA INVADE OS MORROS E LEVA O TERROR AOS LARES DOS FAVELADOS — SÃO TRABALHADORES: ENTRE OS 300 PRESOS NA FAVELA DE PARADA DE LUCAS SÓ HAVIA UM MALANDRO — OCUPARAM O PALÁCIO DA CÂMARA MUNICIPAL, POR UM DIA, PARA GARANTIR O DIREITO DE TER ONDE MORAR

de 11 pessoas, 14 de 12 pessoas, 11 de 13 pessoas, 3 de 14 pessoas, 1 de 15 pessoas, 2 de 18 pessoas e, por fim, um barracão onde moram nada menos que 19 pessoas.

Sem água, sem luz

Embora todos os governos que passam pela Capital digam dos seus desejos de atender a população das favelas, dando-lhes moradia digna, não existem melhoramentos públicos nas favelas, ou quase não existem. Luz, gás, água encanada, rede sanitária, tudo isso pertence ao terreno dos sonhos para quem mora em favela.

Já é bastante conhecido o drama da dona de casa residente no morro que, às vezes grávida, às vezes com filho no colo, sobe o morro com a lata d'água na cabeça. E quantas já não sofreram graves acidentes caindo na lama ou no barro, ao carregarem água nas ladeiras escorregadias após a chuva? O abastecimento de água é assim. Os outros serviços públicos são como a rede sanitária do Jacarézinho, uma das poucas e talvez a única favela que conta com esse «luxo»: os canos arrebentados e os dejetos humanos invadindo as casas nos dias em que os esgotos transbordam.

Crianças sem escolas

A educação das crianças constitui outro sério problema das favelas. A maioria das crianças crescem sem aprender a ler, por falta de escolas. Isto porque as públicas não têm vagas e as particulares os pais não podem pagar. Nas próprias escolas públicas mesmo os pais quase sempre não podem matricular os filhos pois não têm dinheiro para o fardamento, não podem comprar livros, cadernos e nem o sapato. O Serviço Nacional de Recenseamento afirma que nas favelas 43 em cada 100 adultos são analfabetos e, entre as crianças de 5 a 9 anos, 83 em cada 100 não sabem ler nem escrever.

Vítimas da chantagem politiqueria

Os moradores das favelas, ante o grande número de problemas que têm, são frequentemente procurados por demagogos dos mais variados nances, e com mais insistência nas proximidades de eleições. Alguns deles chegam a

iludir o segundo tipo. Além de caçar votos às vésperas de eleições, explora financeiramente os moradores. É um dos maiores comerciantes do Jacarézinho. Ali tem cinemas, prédios de três pavimentos feitos onde antes se erguiam barracos que mandou derrubar. Até das crianças toma os poucos níqueis que os pais conseguem lhes dar, para isso mandou instalar ali, sob uma grande placa onde se lê a pomposa inscrição «Obras do Dr. Geraldo Moreira», uns balancetes e até mesmo coléti. Por fim, não satisfeito, faz o seu cartaz com o dinheiro dos favelados. Arrecada dinheiro da população, põe uma bica d'água e logo manda pregar ao lado uma tabuleta: «Realização do Dr. Geraldo Moreira».

Sob permanente ameaça de despejo

A Prefeitura nunca deixa em paz os moradores das favelas. Vive sob permanente ameaça de despejo. A derubada de barracos às dezenas, às centenas, já é um espetáculo comum em todas as favelas. É sempre com revolta, mas quase nunca com surpresa que o favelado ao voltar de noite para casa, em

pequenos chorando amedrontados ou olhando sem compreender para os destroços do que fora o seu barracão. Ainda não vai longe o despejo brutal feito na Favela do Sacopá, em que não ficou de pé um só barracão. Está também na lembrança de todos as barbaridades cometidas na Favela Ilipica, em que os policiais chegaram a tocar fogo nos barracos. Até ampliação no cemitério onde os gráfinos enteram os seus cachorros serve de motivo para desalojar os moradores das favelas. Em 1952 a Prefeitura atirou ao relento grande número de moradores da favela da Candelária (Manguelira) inclusive mulheres, velhos e crianças para dar lugar aos túmulos dos cachorros da «gente heme».

Terror policial

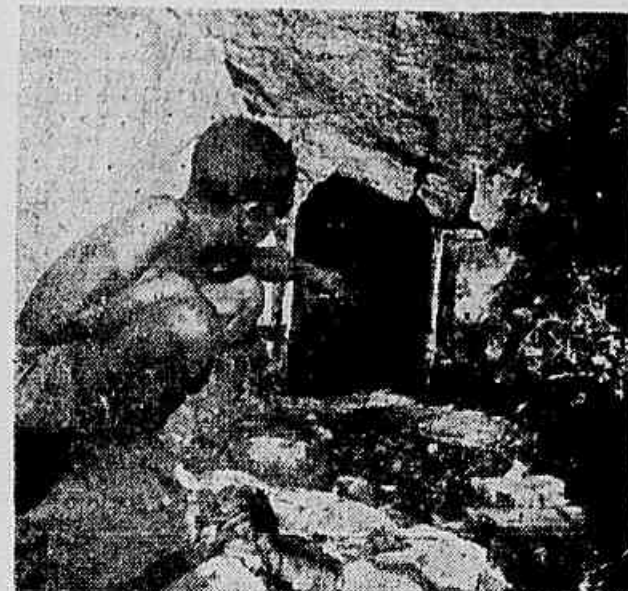
Se isso não bastasse o morador da favela não pode dormir sem sobressaltos. O governo mantém em constante terror. Acorda muitas vezes com o barulho do tiro de guerra dos policiais. São presos quando, vindos do trabalho, se aproximam do morro, que se encontra cercado por policiais, como foi o caso do morro de São Carlos há algum tempo. E, agora, são as verdadei-

ra. Os moradores são violentamente atacados por praças da Polícia Militar e tiras depois de uma vasta área ter tido as suas saídas cercadas. Os ataques são feitos geralmente pela madrugada e centenas de pessoas são presas. Lares são invadidos. Rádios, bicicletas e demais objetos domésticos são pilhados pelos policiais.

Só em uma dessas invasões foram presas 500 pessoas. Aquela em que o nú-

VELAS DO DISTRITO FEDERAL E O RESENSEAMENTO DE 1950 — Serviço Nacional de Recenseamento).

É o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ainda que revela ser a proporção de moradores das favelas que trabalham nas indústrias de transformação e na prestação de serviços diversos maior do que a proporção na população global. Não podem, portanto, os favela-



A miséria leva os favelados a se instalarem até em locais de pedras

sebre, mesmo que seja na lama do Jacarézinho ou no despenhadeiro do Sacopá. São os favelados. Alguns apenas dos 340.000 que existem na Capital da República.

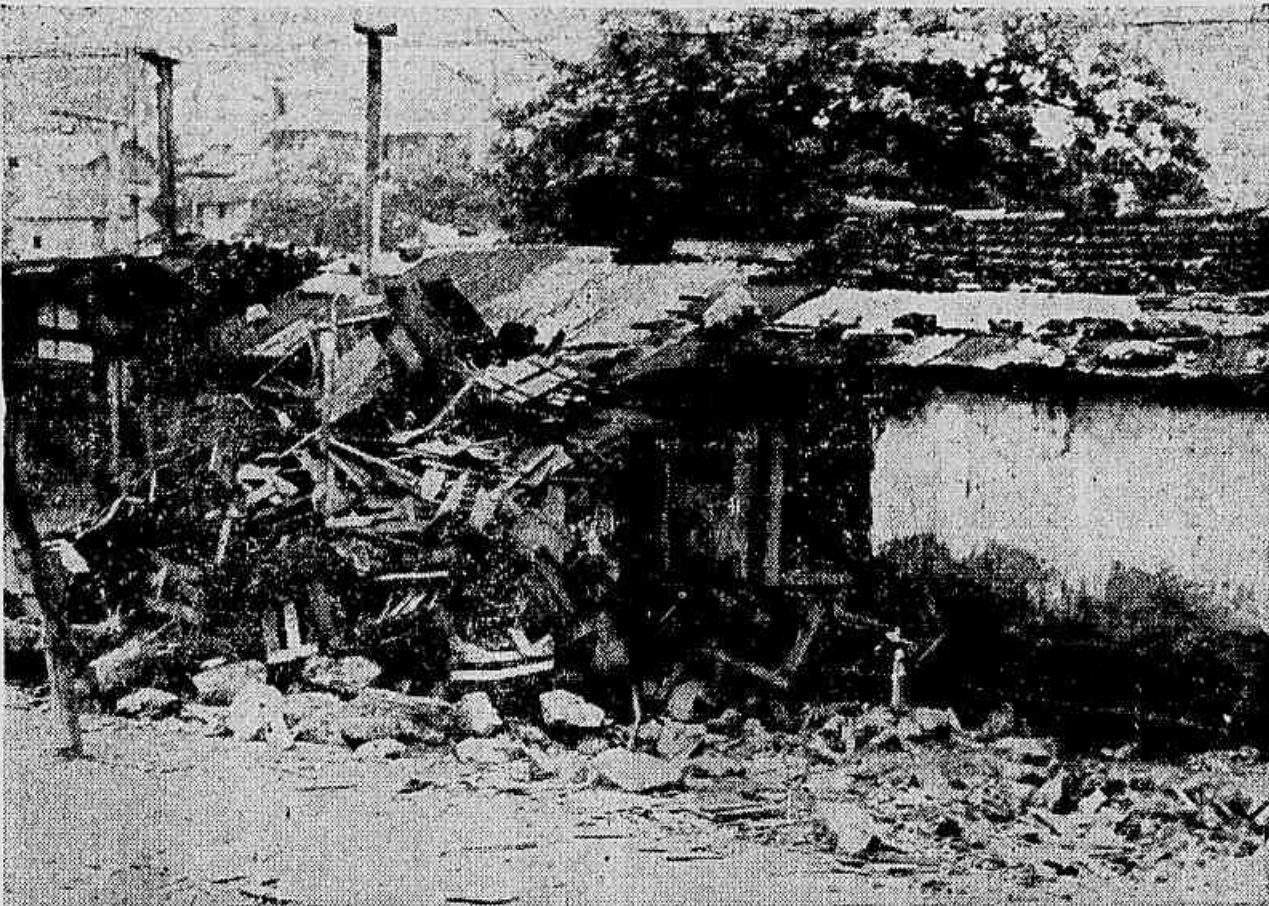
Onde moram

Vivem em casebres da pior espécie, em sua quase totalidade. Construídos das mais diversas maneiras e com os mais diversos materiais. Muitos deles feitos apressadamente, à noite, para que a guarda municipal não note a

em ambas as favelas onde a Fundação Leão XIII fez seu inquérito, é de 1 leito para cada 3 pessoas. No Jacarézinho foram registradas 17.979 pessoas para apenas 6.894 leitos e no Morro de São Carlos, na mesma proporção, há apenas 4.035 leitos para 9.450 pessoas.

Dezenove pessoas num barracão

Para se ter uma idéia do tamanho dos barracos em



Os favelados vivem na maior insegurança. Uma simples ventania põe abaixo um barracão

DORMINDO AO RELENTO

Em uma audiência da Comissão de Favelas da Prefeitura, Isolina Silveira Dias pede para que deixem consertar o seu barracão na Rua 17 da Favela da Vila da Penha. Está correndo o perigo de cair por cima das pessoas à noite quando todos estiverem dormindo. E ao dizer isso olha assustada para a criança de dois anos que traz no braço.

No Morro do Quesosene o último temporal derrubou uma barreira e o barracão 423, onde Círene Luiza de Souza mora com seus filhos, ficou a uns dois palmos do abismo. A família está dormindo do lado de fora, pois do contrário poderá amanhecer soterrados.

sua construção e não venha derrubá-lo antes de terminá-lo. São de barro (taipa), de palha, de tábua, cobertos de capim (sapé), de zinco, alguns de telha, a maioria sem ladrilho, construídos diretamente sobre o barro, a areia ou a lama. Carneiro Leão, o autor de A Sociedade Rural, chamou essas casas de «homídeas» porque a absoluta falta de higiene que ali reina, obrigatoriamente, é uma verdadeira ameaça à vida de quem nelas mora.

Famintos e doentes

São impressionantes as revelações feitas por um inquérito da Fundação Leão XIII em 1948. Mostra que a população das favelas passa fome realmente. Não é possível usar outro termo. Já naquele ano, das 4.109 famílias residentes no Jacarézinho, apenas 1.160 incluem o leite em sua alimentação. Mais de 700 famílias não comiam carne. Cerca da metade não comprava frutas. No Morro de São Carlos o mesmo inquérito constatou que grande parte da população dessa favela também não consome os alimentos mais importantes. Mais de 1.400 das 2.108 famílias não incluem leite na sua alimentação e mais de 200 famílias não compram carne.

Com esse regime de fome lenta e sem nenhuma higiene, os moradores das favelas são vítimas, em grande número, das mais graves doen-

que vivem os favelados, citamos o que ouvimos na Comissão de Favelas quando um operário pediu licença para consertar o seu barracão onde morava com seis filhos. Ao dizer que seu barracão tem cinco metros de largura por oito de comprimento, disseram-lhe «o senhor tem um palácio e não um barracão». Pois, de acordo com o inquérito da Fundação Leão XIII, no Morro do Jacarézinho há 4.109 barracos apenas para 17.979 pessoas, ou seja mais de 4 pessoas em cada casebre. Mas esta é a média. Há no Jacarézinho 56 domicílios em que moram 10 pessoas, 34

dão, o que acontece toda vez que chove.

Morrem cedo

Não vivem muito os moradores das favelas. Metade de sua população tem apenas até 20 anos e com mais de 40 anos não se encontra 16 em cada 100 favelados. A mortalidade infantil também tem um grande índice nas favelas cariocas. No Morro de São Carlos, por

lançar raízes de sua política em determinados grupos de favelados, fazendo inclusive fortuna à custa de sua miséria.

Um exemplo do primeiro caso pode ser dado com o Morro da Candelária, onde um candidato a vereador prometeu certa vez instalar uma bica de água, chegando até a mandar cimento e cano. Não tendo sido eleito, porém, mandou recolher de volta o material.

Geraldo Moreira é o demagogador que exem-

plifica o segundo tipo. Além de caçar votos às vésperas de eleições, explora financeiramente os moradores. É um dos maiores comerciantes do Jacarézinho. Ali tem cinemas, prédios de três pavimentos feitos onde antes se erguiam barracos que mandou derrubar. Até das crianças toma os poucos níqueis que os pais conseguem lhes dar, para isso mandou instalar ali, sob uma grande placa onde se lê a pomposa inscrição «Obras do Dr. Geraldo Moreira».

Os despejos são feitos pelos mais diversos pretextos, mas em todos eles sempre está presente a polícia que deruba os barracos até sem esperar que os moradores retirem os seus pertences, que por serem quase nenhum mesmo é que são a sua fortuna. Não têm sido poucos os favelados que ao chegarem ao morro encontram os filhos

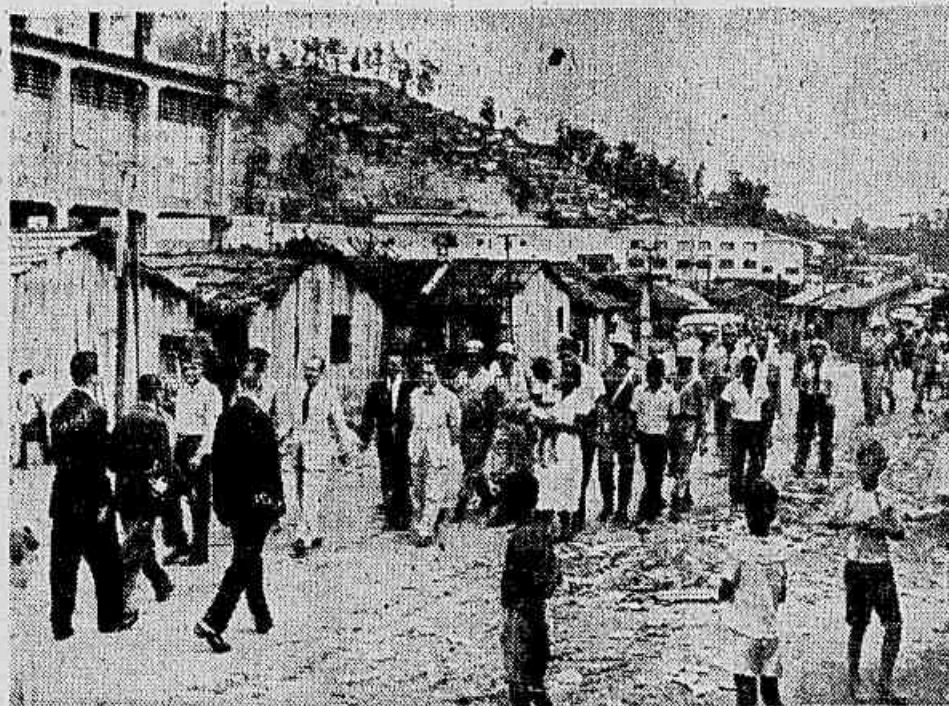
lugar do seu barracão encontra uma porção de tábuas quebradas, um monte de barro ou, muitas vezes, cinzas. As famílias são despejadas sem qualquer aviso prévio. Os despejos são feitos pelos mais diversos pretextos, mas em todos eles sempre está presente a polícia que deruba os barracos até sem esperar que os moradores retirem os seus pertences, que por serem quase nenhum mesmo é que são a sua fortuna. Não têm sido poucos os favelados que ao chegarem ao morro encontram os filhos

Sabe o povo que o favelado é trabalhador e que luta pelo pão de cada dia. Também o sabe o governo. Tanto assim que é um órgão desse mesmo governo, o I.B.G.E., que diz: «...ali se encontra uma população ativa, predominantemente trabalhadora, ligada através de ocupações diversas aos principais ramos de atividade econômica desenvolvidos no Distrito Federal. Não se trata, pois, de uma população composta de marginais, mas de aglomerados humanos integrados regularmente na vida social». (As FA-

de emergência que esses milhares e milhares de trabalhadores encontraram e — podemos dizer — solução que foram obrigados a adotar. Vamos encontrar o próprio governo confessando isso no estudo do IBGE citado antes, quando diz: «... A elevação constante do custo de vida — em desarmonia com a lenta evolução dos salários e vencimentos contribuiu para modificar as escalas de vida de numerosos grupos sociais». E logo adiante: «... as camadas de menos recursos são forçadas a descer o nível de seu conforto ou de seu desconforto, procurando moradias inferiores para manter-se dentro do padrão de seus orçamentos, contando que não se afastem muito dos locais onde exercem suas atividades

Os favelados lutam

Os moradores das favelas não ficam de braços cruzados ante todas essas violências do governo. Eles se organizam e lutam. Lutam e conquistam vitórias. Em diversos morros há associações pró-melhoramentos e ultimamente foi fundada a União dos Trabalhadores Favelados do Distrito Federal que, unindo ainda mais os moradores das favelas, tem obtido êxitos importantes na defesa de seus direitos. Graças a esse espírito de luta que os favelados desenvolvem a cada dia é que o morro de Santa Maria não foi despejado. Custou passadas, comícios, assembleias, mas venceram. A desapropriação do morro da União, em Coelho Neto, foi conseguida pelos favelados depois de uma luta intensa também que chegou até à ocupação da Câmara Municipal.



A polícia lança o terror nas favelas, fazendo «razzias» nos moldes das tropas nazistas. Centenas de prisões foram efetuadas em cada uma das invasões. Neste flagrante da «Operação da Favela do Esqueleto» é visto o próprio coronel Cortes, chefe de Polícia, à frente dos seus boleguins



Verdadeiros campos de concentração são organizados pela polícia nas invasões. A foto fixa um flagrante da Favela de Parada de Lucas, onde foram feitas trezentas prisões. Os favelados, no entanto, lutam contra este estado de miséria e violência e o que atesta a inscrição que se vê no muro

MARCHAM OS INTELLECTUAIS PARAGUAIOS PELOS CAMINHOS DA UNIDADE

«Somos vizinhos mas só nos encontramos na Europa», disse-nos, certa vez, um intelectual chileno referindo-se ao isolamento cultural em que vivem os países latino-americanos uns em relação aos outros e todos em relação às nações das duas Continências. Os governos, como o que temos em nossos dias, obedientes aos interesses imperialistas, impedem este intercâmbio cultural através de obstáculos de toda sorte ao intercâmbio cultural amplo com todas as nações, em bases de reciprocidade. E assim vivemos, como ilhas culturais, ameaçadas pela estagnação, sotrendo o «dormir» das histórias em quadrinhos e das tendências decadentistas exportadas de Washington.

Então sabemos algo do que se faz lá, países da América e quando passamos pelo Rio de Janeiro um escritor ou um artista latino-americano sempre de grande oportunidade ouvir dele o que faz em sua terra.

Elvio Romero, poeta paraguaio, visita o nosso país pela segunda vez. Aqui tem muitos amigos e admiradores que o conhecem e nos seus versos bonitos durante o I Congresso Nacional de Intelectuais, realizado na cidade de Goiânia. Muito jovem ainda, Romero destaca-se entre os novos poetas de seu país não apenas pela sua obra já feita e pela qualidade de seus versos, mas também pela generosa acolhida que lhe é dispensada pelo público de fala espanhola, devido, antes de tudo, aos temas de seu verso de luta e de certeza do futuro.

De Yegros a Buenos Aires

Nascido em Yegros, Paraguai, Elvio Romero passou a juventude a percorrer o seu país, já preocupado com os problemas sociais. Em 1947 tomou parte na guerra civil, após o que foi obrigado ao exílio em Buenos Aires.

Na capital argentina Elvio Romero conheceu Nicolás Guillén e o poeta cubano, recentemente laureado do prêmio Stalin da Paz, leu os primeiros versos do jovem guarani, conseguiu-lhe editor, chamou para eles a atenção de Rafael Alberti, que os patrocinou com um prêmio simpático. Este livro foi «Dias Roturados», que editou Lautaro.

O público reconheceu um poeta em Elvio Romero, a edição se esgotou, logo a mesma editorial imprimiu «Resaca Aridos» (1950), que valeu como uma consagração. O terceiro livro do poeta guarani foi editado em 1954, por Losada e tem o título «Despiertas las fogatas». «Pablo Rebelde» será o quarto e dele é o poema que apresentamos nesta página, em tradução de Antônio Dias de Moraes.

Poesia castelhana e poesia guarani

Elvio Romero passou pelo Rio e concedeu rápida entrevista ao nosso redator. A primeira pergunta que lhe fizemos foi: «Como se sente em Goiânia?»



Foto tomada durante o I Congresso Nacional de Intelectuais realizado em Goiânia (fevereiro de 1954), vendo-se, da esquerda para a direita, o poeta paraguaio Elvio Romero, o educador uruguaio Jesualdo, o compositor paraguaio Hermínio Gómez, um dos secretários que integram a delegação goiana, o poeta paulista Antônio Rangel Bandeira, Padre Público Calado, da delegação pernambucana e o romancista Jorge Amado.

Informação sobre a poesia paraguaia:

— Poderia dizer que, sendo o Paraguai um país que possui dois idiomas — o espanhol e o guarani — desenvolve-se paralelamente a poesia castelhana e a poesia guarani. A poesia castelhana segue a linha de poesia culta da Europa e da América, estabelecendo-se dentro dela um conflito entre suas conquistas técnicas e os males que lhe acarretavam a falta de acesso do público à sua mensagem, resultando daí o afastamento desta poesia do verdadeiro sentimento do povo. Poucos poetas, salvo exceções meritorias como Manuel Ortiz Guerrero, nosso poeta nacional, e Jillo Correa, preocuparam-se com voltar esta poesia para o povo e dele recolher suas inquietudes imediatas, suas tradições, sua aprisionada sede de justiça.

— E a poesia guarani? — Esta é a que passa de boca em boca, recitada e cantada, musicada por nossos mais ilustres compositores, a expressão legítima da alma popular. Suas possibilidades de desenvolvimento são enormes e, sem dúvida alguma, produziu já verdadeiras jóias e recolheu os mais sérios temas nacionais.

— E qual é a situação atual? — Nos últimos dez anos acrescentou-se à poesia paraguaia de língua espanhola — diz-nos Elvio Romero — a busca afanosa da verdadeira expressão nacional. A aproximação do poeta com o povo fará brotar também nela os frutos mais belos, na medida em que se volta para o sentimento popular, em função da captação das inquietudes populares, em função de universalizar nossos problemas, assinando, em cantos, um futuro inevitável e promissor.

— Nos últimos dez anos acrescentou-se à poesia paraguaia de língua espanhola — diz-nos Elvio Romero — a busca afanosa da verdadeira expressão nacional. A aproximação do poeta com o povo fará brotar também nela os frutos mais belos, na medida em que se volta para o sentimento popular, em função da captação das inquietudes populares, em função de universalizar nossos problemas, assinando, em cantos, um futuro inevitável e promissor.

Movimento pela unidade dos intelectuais

A conversa entre o poeta e o repórter logo do terreno da poesia para o da vida associativa, da criação e dos problemas que inquietam a toda a intelectualidade paraguaia. Elvio Romero fala agora sobre o caminho da unidade em torno de problemas fundamentais buscado hoje pela esmagadora maioria dos intelectuais de seu país:

«NECESSITAMOS DE UM DIALOGO DE CULTURA COM TODOS OS POVOS» — DESENVOLVIMENTO DA POESIA NO PARAGUAI — UM CONCERTO DE ASSUNCION FLORES E SUA HISTÓRIA — O EXEMPLO DO CONGRESSO DE GOIÂNIA

— Entrevista concedida a José BENTO

JOÃO E JOHN

Esta é João, modelado em sua terra de esplendor, sem mais vento que um vento faciturno, sem mais bóia que o bóia de sua fôrma!

Esta é John, chegado não há mais de quatro tardes e já lutando com olhar altivo a cuspidor rancor por sobre as árvores.

Esta é João, talhado pelos dias vegetais, por vegetais jornadas que estremecem ego castigo com furor de subre!

Esta é John, fleumática, impassível, custumada, exibindo à lúpula essa arrogância, e o arrogante «jeep» de festa em festa!

Esta é João, macerado entre ultrajes e de ultraje desmascarado fogo, dominando humilhadas argúas torrenciais.

Esta é John, chegado não há mais de quatro tardes em posição de ver se aqui se pode trair com os astros vespertinos.

Esta é João, fulminado, torcendo entre avatares de calcunha chova e ciezirres de mungo seco e secos mundocais.

Esta é John, que não sabe que aqui o rio expõe sobre o rosto curtidor desta homens fulgurantes espumas de metal.

Esta é João, verde sangue de florista que arde com lascivo calor e que levanta seu severo protesto sobre as árvores.

Em um caso extraordinário: Nunca após João que neste dia quisesse John chegar a encravá-lo!

ELVIO ROMERO

— A unidade será, se é dada, de grande benefício para nossos intelectuais. Esta unidade criará imensas possibilidades de desenvolvimento para nossa cultura. Somente unidos poderemos pensar em sair da situação de completo desaparecimento que vivemos. O trabalho pelas reivindicações de cada setor cultural está agrupando hoje, aos artistas, o que é uma coisa nova entre nós. Neste sentido vale destacar o esforço realizado pelo grande músico Carlos Lara

Barreiro, que, lutando contra os obstáculos, mobilizou um movimento de opinião nacional pela formação de uma Orquestra Sinfônica estatal. — Recentemente — prossegue Elvio Romero — esta unidade se exerceu para possibilitar um grande concerto de música guarani em Buenos Aires. O extraordinário criador de índias, José Assunção Flores, preparava a realização de um concerto sinfônico em Buenos Aires. Um certo setor da imprensa argentina fustigou o esforço do grande compositor e procurou impedir a realização do espetáculo. Os intelectuais e, chamada por estes, a opinião pública paraguaia mobilizaram-se em apoio a Flores. O concerto foi, finalmente, realizado obtendo um êxito incomum, ao ponto de merecer página inteira de comentários elogiosos em muitos diários portenhos. Foi gravado e retransmitido por uma rádio-emissora do Paraguai. Eis aí o fruto de um magnífico esforço comum dos intelectuais guaranis.

— Amplo diálogo de cultura com todos os países — A conversa toca, nesta altura, a questão do intercâmbio cultural e Elvio Romero nos fala da preocupação dos intelectuais guaranis com este problema: — Precisamos difundir os valores da nossa cultura, necessitamos estabelecer um amplo diálogo de cultura com todos os povos. Os artistas paraguaios estão empenhados hoje em um grande trabalho de reivindicação da cultura nacional, seriamente ameaçada. Este movimento, que se defronta

com obstáculos que os intelectuais brasileiros não desconhecem, será a melhor homenagem dos intelectuais paraguaios à valente luta do povo. E uma ajuda eficaz a esta luta.

O exemplo de Goiânia

As últimas palavras do poeta paraguaio ao repórter são uma saudação fraternal aos nossos intelectuais:

— Os trabalhadores da cultura do Brasil nos deram um grande exemplo, uma verdadeira lição. Fomos convidados ao Congresso de Goiânia e ali aprendemos muito. Foram apontados naquele certame caminhos claros, os claros caminhos da firme unidade. Saúdo aos inúmeros amigos que nos acolheram tão fraternalmente, dizendo-lhes sem rodeios, que o caminho que ali nos mostraram é hoje o nosso também e que nossos esforços tendem a colher os frutos proveitosos que ali conhecemos.

Elvio Romero viajou para São Paulo de onde seguirá para Buenos Aires, chamado por seus deveres de jornalista profissional.



O poeta Elvio Romero falando ao nosso redator

O ROMANCE DE JORGE AMADO «OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE»

Nikolai GABINSKI

«Pravda», de 2 de janeiro publicou um artigo de crítica literária e combateu o imperialismo. O artigo considerava um dos mais importantes especialistas soviéticos de literatura latino-americana — sobre «Os Subterrâneos da Liberdade», romance de Jorge Amado, cuja tradução russa tem sido objeto de artigos nos diversos jornais de Moscou e nas revistas soviéticas de literatura. A tradução de «Os Subterrâneos da Liberdade» apareceu em russo em fins de maio de outubro e já ao início de dezembro o II Congresso dos Escritores soviéticos, mais de 50 mil exemplares haviam sido vendidos. A publicação do artigo de Gabinski na «Pravda» mostra a importância atribuída à tradução do último romance de Jorge Amado.

«OS MELHORES ESCRITORES dos países ocidentais e orientais empregam atualmente o método criador do realismo-socialista. Em várias obras traduzidas para o russo, nos últimos anos, de línguas de diferentes povos e de diferentes países, nós encontramos o resultado fecundo do emprego deste método. O romance do escritor francês Luis Aragon, «Os Comunistas», que encontrou um vivo eco junto dos leitores soviéticos é uma dessas obras. Hoje recebemos nossos leitores a possibilidade de travar conhecimento com o novo romance de Jorge Amado: «Os Subterrâneos da Liberdade».

O nome de Jorge Amado, escritor comunista brasileiro, é bem conhecido entre os soviéticos. Eles o conhecem na qualidade de ardente combatente da paz, laureado com o Prêmio Stalin Internacional pelo fortalecimento da paz entre os povos. Ele é igualmente conhecido entre os leitores soviéticos como autor de romances traduzidos para o russo, como, por exemplo: «A terra dos frutos de ouro» (São Jorge dos Ilhéus), «Seara Vermelha», o livro de combate «O Cavaleiro da Esporanga» («Vida de Luiz Carlos Prestes») — uma biografia de Luiz Carlos Prestes, chefe do proletariado brasileiro, cuja vida foi inseparável da luta dos trabalhadores de sua pátria por pão, liberdade e paz.

«Os Subterrâneos da Liberdade» são a primeira parte de uma trilogia que começou a ser publicada, consagrada pelo autor à descrição de acontecimentos de sua pátria. O livro narra acontecimentos de 1937-1940, e por isso mesmo, poder-se-ia afirmar ser como que a continuação dos seus romances já conhecidos, nos quais se falava da vida do povo brasileiro no primeiro trintênio do século XX.

Jorge Amado trabalhou no romance «Os Subterrâneos da Liberdade» quando de sua emigração, de 1950 a 1952, primeiro em Paris e depois sua deportação de França, na Tchecoslováquia.

«Na emigração e, depois, em sua volta à pátria, o escritor dedicou todas as suas

forças à luta pela libertação do seu povo. Seu novo romance é um testemunho dessa luta.

Segundo o pensamento do autor, os subterrâneos da liberdade simbolizam o movimento comunista legal desenvolvido no Brasil entre 1937 e 1940. Diante do desencadeamento do terror fascista, o Partido Comunista do Brasil, pouco numerosos mas forte de unidade ideológica e organizativa, lutava contra a reação, mobilizava a população em massa operária, camponesa e intelectual na luta pela independência nacional, pelos direitos democráticos, pela terra e pelo pão. Esse trabalho heróico assegurou ao Partido Comunista do Brasil, no momento de sua entrada na legalidade (1945)

«Não é que sejamos uns superhomens... Somos homens com qualidades e defeitos: o que nos diferencia dos outros homens é pertencermos ao Partido. É dele que nos vem toda a nossa força. Das ideias que são a sua razão de ser: a felicidade do homem sobre a terra, a criação de um mundo sem fome e sem dor. É por isso que ninguém jamais, nenhum chefe de polícia, nenhum Hitler nos pode vencer. Porque nós amamos a humanidade, lutamos por ela, o homem é o nosso capital mais precioso. Por isso nosso Partido é imortal e invencível, porque comunismo significa vida, elevação do ser humano. Ninguém nos poderá aniquilar já mais, Ramiro, Ninguém.»

«Os inimigos são descritos no romance com grande verdade. O escritor não recorreu ao manifesto ou ao discurso, ele criou personagens vivas cada uma com seus traços individuais, mostrou os

homens nas suas reações entre si, suas reações diante dos acontecimentos exteriores e interiores. A verdade a qual o autor é sempre fiel, a verdade da vida que ele descreve em sua obra, leva-o a

criar as imagens sombrias e sinistras dos banqueiros e dos políticos reacionários, dos donos de fábricas e dos fazendeiros, de suas esposas e amantes.

Jorge Amado alcançou pleno sucesso ao descrever os sentimentos de amor, de respeito e de ternura que possui o povo do Brasil pelo país dos Soviéticos. A cena da chegada de um barco soviético ao porto de Santos é emocionante.

«O romance demonstra como os fleiteiros dos intelectuais brasileiros de vanguarda tornam-se cada vez mais amplos. Prêso como simpatizante do Partido, Marcos de Souza, um dos maiores arquitetos do país, sai da prisão membro do Partido Comunista. Encontrando-se numa cela de prisão, pediu sua adesão às ideias das que combatem por um mundo novo.

«Os Subterrâneos da Liberdade» é uma obra monumental. O escritor, com a maestria de um grande artista, transfere a ação de seu romance dos palácios dos banqueiros e ministros para as choupanas de camponeses, para as habitações pobres de operários, para os esconderijos ilegais dos comunistas. Ele nos mostra seus heróis no Brasil mas também na Espanha, na frente de luta contra os bandos franquistas e os intervencionistas nazis, mostra-nos Paris durante a chegada das tropas hitleristas.

«Na sua condição de obra verdadeiramente artística, o romance de Jorge Amado, apesar de narrar acontecimentos que se passam em tempo relativamente remoto, continua atual. Ele ajuda o leitor a compreender melhor e de maneira mais clara os nossos dias. Assim, através do exemplo da organização da Sociedade anônima do Vale do Rio Salgado, criada para a exploração das ricas jazidas de manganês, o escritor descreve a maneira como o Wall Street conquistou um dos ramos da economia brasileira. Atualmente já 70% de toda a indústria do país estão sob controle do capital americano. O escritor mostra o caminho dessa conquista «pacífica», denuncia os cúmplices nacionais que contribuíram para a venda de sua pátria aos americanos.

«Os Subterrâneos da Liberdade», nova obra de Jorge Amado, é uma grande vitória da literatura progressista do mundo.

Mensagem do povo cubano a Guillén

"A Aurora é Lenta Mas Avança"

ENTREVISTA DO POETA LAUREADO DO PRÊMIO STALIN DA PAZ A IMPRENSA FRANCESA

Nicolas Guillén, Prêmio Stalin da Paz, encontra-se atualmente no México, impedido de retornar ao seu país pela ditadura Batista. De passagem pela França o grande poeta concedeu rápida entrevista aos jornalistas parisienses, da qual destacamos os trechos seguintes:

Sobre o recebimento do Prêmio Stalin pelo fortalecimento da paz entre os povos:

— Foi uma grande surpresa para mim. Um verdadeiro presente de Natal (o Prêmio me foi entregue a 24 de dezembro). No dia anterior, Erenburg me havia dito, maliciosamente: «Aconselho-te a que leias a «Pravda» amanhã cedo». E assim tive a notícia em que custei a acreditar. E a respeito do Prêmio, uma das coisas que maior prazer me causaram foi uma mensagem de homens simples de Cuba em que era citado um verso meu, como um sinal de amizade: «A aurora é lenta mas avança». Isto me pareceu significativo e me comoveu profundamente.

Sobre a sua estadia na Guatemala por acaso do brutal assalto imperialista a este país:



Nicolas Guillén

— Meu primeiro espanto ao desembarcar no aeroporto de Guatemala foi o de ser recebido por um grande número de fotógrafos e cinegrafistas. A cidade estava cheia de pessoas, a todo momento eram vistas nas ruas e nos hotéis. Tinham vindo dos Estados Unidos e não tardou a saber da razão de sua presença ali: esperavam a queda do governo de Arbenz. Pouco depois seria descerada a cortina e iniciado o espetáculo que os levava a fazer aquela viagem. Uma anedota circulava na cidade: A Embaixada dos Estados Unidos retardara o envio de convites para a recepção que ofereceria a 4 de julho. O Embaixador Feurloy certo — que dizia — da queda

imminente do governo guatemalteco, não desejava enviar novos convites aos membros do outro governo... Preferia esperar.

Fui despertado no meio da noite — prosseguiu Nicolas Guillén — pelo primeiro ataque aéreo, seguido imediatamente pelas rajadas de metralhadora: começava a batalha da Guatemala. Alguns dias antes tinha recebido um convite de camponeses de uma pequena aldeia, Escuintla. Esses camponeses eram dos que se tinham beneficiado com a Reforma Agrária. A aldeia tinha prosperado rapidamente, vários agricultores tinham podido comprar uma casa, geladeira, alguns até mesmo um pequeno automóvel. — Veia, disse-me um peão, eu cheguei até a comprar um carrinho e até há bem pouco nem podia sonhar com uma bicicleta! — Eis um dos aspectos mais terríveis do drama guatemalteco: sabemos do que aconteceu depois...

O Embaixador do Equador ofereceu-me abrigo, não como «casilados mas como amigo. Tudo aquilo, todos os bombardeios, a chuva torrencial, me fez recordar a Guerra Civil na Espanha...

Uma coletânea de versos de Nicolas Guillén será publicada na Espanha em abril próximo.

"ESPARTACO VIVEU PARA A HUMANIDADE DE TODOS OS TEMPOS"

Howard Fast, o último romancista norte-americano, goza de largo prestígio entre nosso público. «O Caminho da Liberdade», sua primeira obra editada no Brasil, ganhou para Fast uma legião de leitores, que soube reconhecer nele um representante da verdadeira cultura de seu povo, um escritor de seu tempo, a quem as ligações íntimas com os grandes movimentos progressistas deu uma visão realista da sociedade e uma perspectiva de futuro certo e feliz. «Fronteira de Fogos», lançado numa coleção popular, e «Terramare» da Editora Nacional, de São Paulo, foi um êxito fulminante, esgotando-se a edição em poucos meses. Este sucesso esperava «Nossos Gloriosos Heróis», lançamento de uma obra que apenas iniciava suas atividades. Que melhor mostra do prestígio e popularidade do grande escritor? Sua obra foi escolhida exatamente porque representava um lançamento capaz de atingir a um vasto público e assim firmar o conceito da jovem editora. A experiência mostrou que foi uma escolha acertada, pois a edição foi rapidamente consumida apesar de pre-

ço elevado de cada exemplar.

«ESPARTACO» EM PORTUGUÊS

Outra casa editora, A Vitória, anuncia agora o lançamento, em sua vitoriosa coleção «Romances do Povo», de mais um romance de Howard Fast. Trata-se de «Espartaco», obra já traduzida para vários idiomas, considerada geralmente como um dos pontos mais altos da criação artística de Fast. Sobre este livro o seu autor escreveu, na ocasião do primeiro lançamento: «Não é coisa fácil para um autor escrever para sua própria obra o que os editores chamam de apresentação, ou seja, um apelo aos leitores. As frases extravagantes, usadas em tais casos, surgem com muito menos facilidade da pena da pessoa que escreveu o livro e que sabe com que esperanças e esforço ele foi realizado.

«E é a história de Espartaco, que dirigiu a grande revolta dos escravos contra a República Romana nos últimos tempos de sua existência. Escrevi este romance porque considero que é uma história importante para a época que nos coube viver. Não se trata de um paralelo histórico feito mecânica-

mente mas na base de que de tal história se podem extrair esperanças e animo e com base em que Espartaco não viveu para uma época determinada e sim para a humanidade de todos os tempos. Escrevi este relato para inspirar coragem e esperanças aos que leiam o processo do escravidão e própria me senti com maiores esperanças e mais coragem.

«É necessário muito tempo para se escrever um romance. Ao fazê-lo se podem resolver muitos problemas e beneficiarmos da compreensão do conhecimento dos povos e das coisas pelas quais eles lutam e nas quais depositam suas esperanças. Um pouco deste ganhei ao escrever este livro e ao conviver por tanto tempo com os homens e as mulheres que habitam suas páginas.

«Se minha opinião sobre minha própria obra tem algum valor, posso dizer que este é o livro que mais me agrada dentro do que já escrevi. Foi o mais difícil de realizar e foi escrito nos momentos mais difíceis de minha vida. Mas quando acabei de escrevê-lo tive a satisfação de experimentar o bem-estar que se sente quando se sempre bem uma tarefa.



Howard Fast

UMA LITERATURA A SERVIÇO DA PAZ E DO FUTURO DO HOMEM

UMA PROFUNDA DISCUSSÃO PRECEDEU O CONGRESSO (FINAL) — A luta contra um erro de levar facilmente ao erro oposto, o desejo de terminar com um exagero pode levar a cair-se quase insensivelmente no exagero contrário. Esse perigo existe sempre cada vez que se combate uma tendência de esquerda ou de direita em qualquer aspecto da vida política. O combate ao esquematismo e ao mecanicismo, que caracterizou esse último período da vida literária soviética não escapou a essa regra: um novo perigo começou a aparecer, o de ir-se ao extremo de uma literatura apenas sobre os aspectos negativos da vida e do homem, em reação àquela literatura envergonhada que se combatia. Somente desta vez, já de início, para que tal perigo não viesse a se transformar numa tendência literária.

Vou a chamar a atenção dos meus leitores para a prudência da resolução votada no fim do II Congresso, como conclusão dos seus trabalhos: nem uma palavra sobre os problemas de detalhe, de estilo ou forma. A resolução final, seguindo o exemplo da mensagem do C.C. do Partido, mantém-se nas ideias fundamentais, nos conceitos de princípio, na realidade daquilo que é ponto pacífico para todos os escritores soviéticos: o realismo-socialista é o método de criação artística do proletariado, é por consequência, uma guia para a criação literária. O realismo-socialista é o sistema de ideias sobre a realidade da classe operária que condiciona, por consequência, a obra dos escritores e artistas comunistas de todo o mundo. «O realismo-socialista — afirmou a mensagem do C.C. — exige do artista uma representação veraz e historicamente concreta da realidade em seu desenvolvimento revolucionário». É claro que a representação artística da realidade em seu desenvolvimento revolucionário exige do criador uma visão não só aguda e profunda dos acontecimentos mas também uma percepção da sua complexidade.

QUANDO certos escritores limitaram a realidade, abrandaram os conflitos e envergonzaram a vida, não estavam vendo e descrevendo a realidade em seu desenvolvimento revolucionário. Quando abandonavam certos sentimentos, quando não queriam ver certos elementos negativos da vida, eles estavam se afastando de uma representação veraz e historicamente concreta da realidade. Mas também é certo que o erro oposto é um erro tão sério e perigoso quanto o anterior: cair numa literatura «negra» que pode conduzir ao pessimismo e à falta de perspectiva, sobretudo no que se refere ao crescimento espiritual do homem, seria igualmente fugir a essa representação veraz e historicamente concreta da realidade em seu desenvolvimento revolucionário. Tomemos o caso no Brasil: se um escritor comunista brasileiro, ao descrever a vida do nosso povo, tentasse desconhecer a existência das classes dominantes, de suas figuras, de seus sentimentos, para ver somente as classes oprimidas, a classe revolucionária por excelência, o proletariado, para descrever com cores de permanente e cotidiana vitória sua luta, estaria falsando a realidade, sua veracidade histórica (não teria eu mesmo, em certos momentos, caído nessa posição esquemática no meu último romance? Creio bem que sim.). Um escritor comunista brasileiro afastar-se, porém, completamente do realismo-socialista se não ver, em sua obra de criação, o «novo» que existe na realidade brasileira, aquilo que marca mais profundamente a realidade de nossa pátria nos dias de hoje: a luta revolucionária de nosso povo sob a direção da classe operária. Já hoje é essa a característica nova e mais profunda da nossa realidade em seu desenvolvimento revolucionário e o seu elemento mais típico. «Nossa literatura» — ensina a mensagem do C.C. do Partido — está destinada não só a refletir o novo mas também a ajudar, por todos os meios, que o novo vença». Esse conceito fundamental não é válido apenas para os escritores soviéticos. Ele é válido para todos os escritores comunistas do mundo.

A PUBLICAÇÃO nos últimos tempos de uns quantos livros («As Estações», de Vera Panova, «Degelo», de Erenburg, os últimos romances de Grossman e de Kazakevitch, etc.) veio colocar na mesa das discussões o brado de alerta em relação ao perigo de que a literatura soviética, reagindo na prática contra a tendência falsa para a ausência do conflito, da crítica aos detalhes negativos da vida, caísse num extremo oposto, começasse a dar ao «novo» um lugar secundário na descrição da realidade em seu desenvolvimento revolucionário.

Jorge AMADO

(Terceira de uma série de reportagens)

O perigo de tal tendência seria a de substituir o falso herói positivo super-humano por uma imagem pouco tendenciosa e até certo ponto simpática do herói negativo, apresentando-o não como um resultado das reminiscências capitalistas mas de deficiências da vida soviética. O perigo de tornar-se o que é detalhe como sendo o fundamental. E claro que ninguém pede que se esqueçam ou escondam os detalhes. Ao contrário, os leitores, chamam os escritores a criticar tais detalhes, a mostrar os aspectos negativos e os homens negativos, mas para combatê-los, contrapondo a eles a visão estúpida da nova vida criada pela sociedade socialista e a visão do novo homem socialista em toda a sua riqueza interior, em toda a sua ação grandiosa, em toda a sua complexidade. É necessário, porém, ter presente que é esse «novo» o fundamental, aquilo que é mais importante e que a função da literatura é ajudar sua vitória.

A crítica justa aos livros recentes de Erenburg e de Vera Panova não se refere à apresentação em tais livros de aspectos negativos da vida e de figuras negativas. Refere-se a que tais figuras e tais aspectos são apresentados quase sem um confronto com o lado positivo, com os aspectos fundamentais da nova vida, e que os heróis positivos não são da mesma altura que os negativos, limitando-se assim igualmente a realidade e de uma forma extremamente perigosa.

O que não quer dizer que não existam certos elementos esquemáticos que condenam completamente tais livros, saudosos da representação «rosea» da vida. Mas é necessário dizer, e eu o digo com a experiência vivida desse último mês e meio na URSS, que essa posição esquemática é apenas de uns poucos sectários. Tive mesmo ocasião de assistir agora, em Moscou, a uma conferência de leitores (a meu ver a mais democrática e útil prática da vida literária soviética) a propósito do romance de Erenburg, «Degelo». O autor estava presente e foi alvo de extraordinária manifestação de carinho do público (e falo nisso dirigindo-me àqueles que pensam que a crítica na União Soviética significa a liquidação senão física pelo menos moral do escritor ou do artista). O público estava extremamente dividido, a favor ou contra o livro, mas sobretudo havia uma opinião média que, fazendo o elogio de todas as qualidades do livro, exigia dele uma representação mais completa da realidade. Um leitor do romance, escreveu numa carta a um jornal: «O romance emociona, levanta os sentimentos mais contraditórios, e aí está o seu valor. Mas, apesar de todas as incontestáveis qualidades da obra, o leitor não fica inteiramente satisfeito». Outro leitor, desta vez uma mulher, Tsoukounova, escreveu numa carta também a propósito de «Degelo»: «Certamente a vida mostra que tais coisas (os aspectos negativos da vida descritos no romance) acontecem, mas o romance não apresenta as razões por que isso acontece, nem o que é necessário fazer para que tais coisas não se reproduzam. A vida ensina que a luta é áspera, mas que por fim o homem progressista, o homem do trabalho livre, o homem cujo espírito e coragem são honestos, é sempre vencedor». Cito essas opiniões para que se tenha uma ideia do espírito da crítica

média exercida em relação aos livros recentes de Erenburg e Panova.

QUE não se imagine, porém, ter existido em qualquer momento apoio do público àquela crítica «terrorista» que negava completamente tais livros, como os livros de Grossman ou de Kazakevitch, tentando esconder, na posição esquemática da tese da ausência do conflito, aspectos da vida ou figuras negativas, tentando limitar os temas da obra de criação. Nesse sentido quero contar um detalhe da conferência de leitores sobre «Degelo», à qual assisti. Um dos primeiros oradores foi uma mulher, bibliotecária, se me recordo bem, adversária violenta do livro, numa posição extremamente mecânica em relação à literatura. Em certo momento ela afirmou: «Um tipo como Jouravlov (trata-se de um dos personagens mais negativos do romance) não existe em nosso país. É um tipo inventado».

Essa conferência de leitores foi realmente tempestuosa, tal a vivacidade da discussão. Quando a oradora fez a afirmação a respeito de Jouravlov, levantou-se imediatamente um operário no meio da sala e gritou: — Como que não existe? Basta que você olhe para a sua direita e o verá sentado a seu lado.

Uma tempestade de aplausos e risos saudou o apar-

tes e jornalistas do nosso país assistiram às conferências dos leitores soviéticos com seus escritores.

CREIO que esse aspecto da discussão que precedeu o II Congresso está bem resumido pela revista «Kommunist» (órgão teórico do Partido) Comunista da URSS, no seu editorial antes do Congresso, intitulado «Por um novo ascenso da literatura soviética: Os partidários da teoria da ausência de conflitos decidiram: já que em nosso país não há conflitos antagonísticos, tampouco existem, por consequência, conflitos em geral, e se existem, trata-se simplesmente de conflitos entre as pessoas boas e as más, entre os heróis simplesmente positivos e os heróis absolutamente positivos. A imagem negativa desapareceu por completo do campo de percepção desses escritores. Pintavam tudo cor de rosa. Isso desembocou na idealização da realidade, na criação de obras tediosas e falsas. O Partido corrigiu esses literatos, fazendo-lhes ver que para avançar com justiça é necessário mostrar não apenas os êxitos, mas também os erros, os fenômenos negativos e doentios da vida social. Então, uma parte dos escritores caiu no extremo oposto, compreendendo de um modo unilateral e errôneo a crítica honrada e valente dos defeitos, que foi realizada nos plenos de setembro e de fevereiro

no de todo o sistema de ideias que dirige a construção e o desenvolvimento da literatura soviética e da literatura que deve ser criada pelos escritores de vanguarda (no bom sentido da palavra) de todo o mundo. Já disse e repito que o realismo-socialista é um método de criação artística, um guia para essa criação, e não uma escola, um esquema, uma fórmula.

A mensagem do C.C. do Partido afirmava, em certo trecho: «O realismo-socialista permite manifestar uma ampla iniciativa criadora e eleger diversas formas e estilos, em consonância com as inclinações e gostos individuais do escritor». Eis um rude golpe no esquematismo, eis aí a rocha com que fechar a boca de todos aqueles que vêm o realismo-socialista como um esquema, como um meio de nivelar todos os escritores como sucedeu mesmo com certa parte da crítica soviética (tenho aqui, diante de mim, um número da revista de caricatura e sátira «Crocodilo», tão popular na URSS. É o número da semana do II Congresso e está quase por inteiro dedicado aos problemas da literatura. Uma das caricaturas é exatamente de crítica a essa tendência de certa crítica a uniformizar os escritores: sentados num banco meia dúzia de homens com cabeleiras completamente diversas umas das outras. Um imenso pente toma diversas cabeleiras e a tesoura da crítica tenta cortá-las numa idêntica medida e num mesmo molde). Porém, aí temos ao mesmo tempo a reafirmação do realismo-socialista como o método, o guia para a criação literária e para a criação artística em geral.

Nenhum escritor soviético, nenhum escritor comu-



Fotografia feita no intervalo de uma das sessões plenárias do II Congresso dos Escritores Soviéticos. Da esquerda para a direita vemos Cherkasov, ator de cinema e teatro dos mais populares, Artista do Povo da URSS, Kozlovski, grande tenor, Artista do Povo da URSS, Jarov, Artista do Povo da URSS, Messerev, Artista Emérito da URSS, grande bailarino, o escritor brasileiro Jorge Amado, a famosa bailarina Tikomirnova, Artista do Povo da URSS, Ilya Ehrenburg e Pablo Neruda

superados, sem princípios e sem dignidade, da literatura atual das classes sociais fadadas a desaparecer, resultariam numa literatura sem princípios, numa literatura anti-Partido. Pomerantsev defendeu em seu artigo a tese absurda da sinceridade transformada em categoria universal, no único critério para valorizar a obra de arte, como a única exigência que se deve formular ao artista. É claro que toda a obra de arte deve ser sincera e que uma obra insincera é desde logo má. Existe sinceridade e sinceridade, há a sinceridade proletária e a sinceridade pequeno-burguesa, há a sinceridade que conduz o homem para diante e a que o leva para trás. Como fazer então de um conceito abstrato de sinceridade o conceito fundamental e único para o julgamento

viga mestra, da literatura soviética, porque são as ideias que conduzem o homem para seu destino feliz, para sua elevação, para uma sociedade comunista.

Aqueles que possam pensar ter sido a discussão contra o esquematismo uma restrição qualquer oposta ao realismo-socialista demonstrarão apenas sua total incompreensão do que é o realismo-socialista e a sua fragilidade. É claro que toda a obra de arte deve ser sincera e que uma obra insincera é desde logo má. Existe sinceridade e sinceridade, há a sinceridade proletária e a sinceridade pequeno-burguesa, há a sinceridade que conduz o homem para diante e a que o leva para trás. Como fazer então de um conceito abstrato de sinceridade o conceito fundamental e único para o julgamento

ra durou mais de 3 horas, agitou toda uma série de problemas. Eu conta de toda a trajetória da literatura soviética a partir do ano de 1934, de todas as grandes discussões realizadas, do papel desempenhado pela literatura durante a grande guerra patriótica, e posteriormente, na reconstrução do país. Por outro lado analisou a atuação da União de Escritores Soviéticos, seu amplo trabalho social e também crítico aos defeitos. Se bem seu informe tivesse sido, das primeiras às últimas páginas, um caráter crítico e autocrítico, a sensação deixada nos que o ouvimos ou leram foi sobretudo a da pujança, da grandeza da literatura soviética. O que saltava do informe era o imenso trabalho, a obra gigantesca realizada pelos escritores soviéticos nesses vinte anos, quando foi criada a mais poderosa literatura do mundo atual e quando foram formadas gerações e gerações de novos escritores, em número tão considerável.

UMA LITERATURA MULTINACIONAL (O INFORME DE ALEXIS SURKOV)

Na grande exposição sobre a literatura soviética montada no Palácio das Colunas durante o II Congresso (e sobre essa Exposição falei noutra reportagem) havia um retrato a carvão do poeta Alexis Surkov, vestido com a túnica de soldado, desenho feito no tempo da guerra, quando ele era correspondente no «front», um dos correspondentes do «Pravda». Hoje, o cabelo do poeta encanecido, esse cabelo rebelde a tornar-se sobre a testa, mas igual é o seu queixo forte, de homem decidido, e idênticos são seus olhos cheios de bondade, olhos de franco olhar, de pessoa honesta e firme em suas convicções. Trata-se de um dos poetas de maior popularidade da União Soviética, autor de vários volumes de poemas, e de muitas letras de canções das mais cantadas pelo povo russo.

Conheço bem a esse escritor, há anos que nos encontramos nas mais diversas cidades da Europa, nas reuniões pela paz, pois ele é um dos representantes soviéticos no Bureau do Conselho Mundial da Paz. Poeta e escritor importante, ele é igualmente um alto dirigente político, membro da Comissão Central de Controle do Partido, juntamente com outro poeta, Twardowski. Foi a ele que coube, como um dos secretários da União de Escritores, fazer o informe de balanço geral da literatura soviética nos 20 anos transcorridos entre o I e o II Congressos. No fim do Congresso, Surkov foi reeleito secretário da União e, com o desaparecimento do cargo de secretário-geral, foi seu nome o escolhido para as funções de 1º secretário.

O seu informe, cuja leitura

MUITOS dos tópicos do Informe de Surkov já foram temas dessas reportagens ao referir-me às discussões que precederam ao Congresso. Não vou voltar a esses temas nem às discussões anteriores. Quero falar aqui apenas sobre alguns aspectos da literatura soviética, levantados por esse balanço admirável.

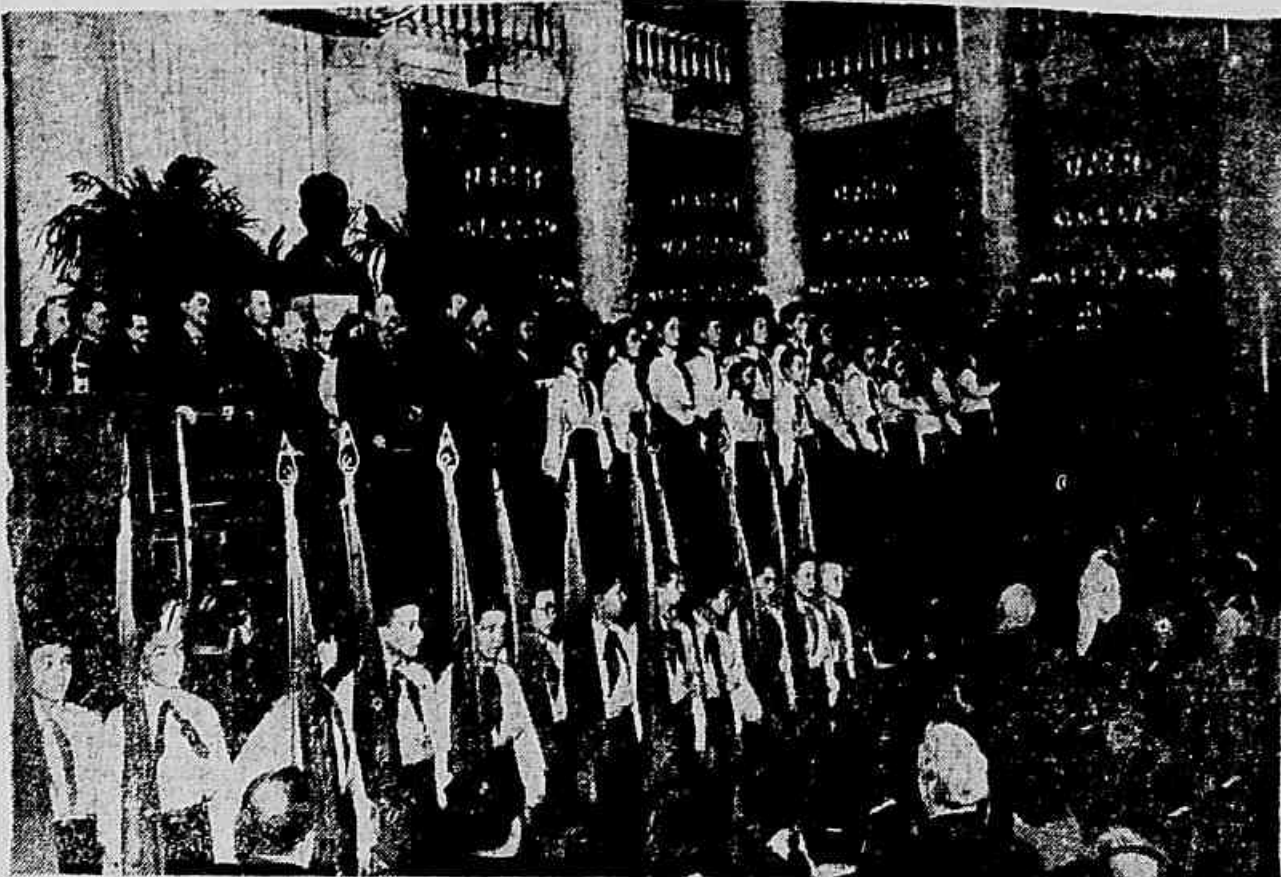
Quero falar primeiro da grandeza da literatura soviética. Se compararmos, sob qualquer ângulo, a literatura da União Soviética com a literatura contemporânea de qualquer dos países capitalistas, inclusive com as da França, a Inglaterra ou a Itália, uma grande tradição literária, de imediato se estabelece claramente a superioridade da literatura soviética. Não quero falar sequer no número de títulos publicados, pois é o número de títulos que prova a superioridade artística. Mas quero referir-me à quantidade de exemplares, às espantosas cifras de tiragens, porque, isso sim, mostra de logo a existência de um público numericamente muito maior que o de qualquer outro país.

As cifras das edições são imensas. Esse povo soviético devora os livros e essas imensas edições são insuficientes, o número de leitores é consideravelmente maior que o de exemplares publicados. Um livro que alcance ali um milhão de exemplares, pode-se garantir que foi lido pelo menos por dez milhões de leitores, já que os exemplares das bibliotecas (e são milhares e milhares de bibliotecas públicas, nacionais, municipais, de fábricas, de escolas, de colônias, de clubes, bibliotecas de todo o tipo) são lidos por dezenas e centenas de pessoas.

VALE a pena citar alguns números referentes a escritores soviéticos contemporâneos. As tiragens de Choklov sobem a 20.550.000 exemplares; as de Fadeev a 11.119.000; as de Alexis Tolstol a 30.057.000; as de Serafimovitch a 10.993.000; as de Erenburg a 8.440.000; as de Polakov a 8.317.000; as de Gorbakov a 7.552.000; as de Pavlenko a 7.157.000. O único livro de Galina Nikolaeva, «A Colheita», anda já pela casa de um milhão noventa e sete mil exemplares. O Grande Norte, de Siemushkin, já vendeu na União Soviética dois milhões cento e noventa e sete mil exemplares.

As tiragens são enormes, mas não é apenas a tiragem que conta. Vejamos alguns poetas: Twardowski anda pelos 3 milhões e trezentos e dezesseis mil exemplares. O poeta ucraniano Pavlo Titchina já alcançou uma tiragem de dois milhões e trinta e um mil exemplares. O poeta bielorrusso Yakub Kolacz: um milhão e quinhentos e cinquenta e dois mil exemplares. Em que país capitalista têm os poetas tamanho público? Não creiam que tais números sejam excepcionais. Eu

CONCLUI NA 3ª PAG.



Instante de grande emoção durante o II Congresso dos Escritores Soviéticos: foi aquele em que fizeram sua entrada na sala de sessões os pioneiros. A delegação de jovens fez uma saudação — contendo críticas e sugestões em versos aos congressistas

teante, enquanto um homemzinho, sentado à direita da oradora, tratava de meter a cabeça entre os ombros. Que liberdade de discussão e de crítica existe no mundo igual à que existe no país soviético? Em nenhuma parte dá o povo tão francamente sua opinião sobre tudo. Em nenhuma parte intertem tão diretamente o povo em todas as discussões, em nenhuma parte prevalece como ali a opinião do povo. Entre todas as calúnias assacadas pela reação internacional contra a URSS nenhuma tão infame e tão revoltante como aquela que se refere à falta de liberdade de crítica. De minha parte, gostaria que certos escri-

março do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

A discussão profunda e franca que precedeu o Congresso e que envolveu não só aos escritores, ao Partido e ao Governo, mas a todo o povo, veio assim possibilitar que no plenário do Congresso fosse encontrado o necessário equilíbrio para que pudessem os escritores soviéticos aplicar com justiça o método de criação do realismo-socialista e construir uma literatura a serviço da verdade, das grandes ideias e dos grandes sentimentos, como reclamam o Partido, o Governo e o povo.

nista em nenhum país pode pensar sequer em realizar uma obra de criação que responda à concepção estética da classe operária e às suas necessidades revolucionárias se não busca apoiar-se no realismo-socialista e aplicá-lo. Que não se confundam a luta contra o esquematismo, contra as tendências limitadoras da realidade, com o abandono dos princípios, com a marcha para confundir a nossa literatura com a literatura decadente, pessimista, de fuga da vida, «negra» e antihumanista produzida pelas classes dominantes moribundas no mundo capitalista.

to da obra de criação artística?

Eu vos disse antes que variadas e diversas são as opiniões na União Soviética a respeito de todos os detalhes em todas as questões. Mas vos disse também que férrea e indestrutível é a unidade de princípios de todo o povo soviético em torno da teoria do marxismo-leninismo e de sua aplicação em toda a complexidade da vida soviética. Assim, absolutamente unânime, unânime repito, foi a condenação ao artigo de Pomerantsev, que continha o perigo de deformar o realismo-socialista, de fazer penetrar ideias estranhas e inimigas na limpa beleza dos conceitos que são a força, a

DEIXEMOS CERTAS COISAS CLARAS:

Sim, deixemos desde logo certas coisas bem claras. Sobre tudo que não venha ninguém, tomando como base a longa exposição que tentei fazer da discussão que precedeu o Congresso, a pensar que a batalha contra as tendências esquemáticas e mecanicistas, contra as teorias da ausência de conflito, significam qualquer modificação de princípio ou de conceito em relação ao realismo-socialista; que a condenação de tais posições significa o abando-

NESSE particular, quero me referir a um detalhe da discussão que precedeu o II Congresso: aquele que se processou em torno do artigo de Vladimir Pomerantsev, publicado na revista «Novi Mir», com o título de «Acresce da sinceridade na literatura». Partindo da crítica ao esquematismo, Pomerantsev defendia em seu artigo uma série de ideias que, aplicadas, resultariam na liquidação do realismo-socialista, resultariam na volta da literatura soviética aos velhos cânones decadentes e



Boris Polevoi («Um Homem de Verdade», «Somos Homens Soviéticos») faz sua intervenção da tribuna do Congresso



Mikhail Choklov («O Don Silencioso», «Terra e Sangue») o genial romancista soviético fez um discurso em que, ao lado de críticas a certos livros, fez uma autocrítica por nada ter publicado nos últimos dez anos



Konstantin Simonov («Dias e Noites») foi um dos informantes do II Congresso. A palavra autorizada do grande escritor arrancou frequentes aplausos dos congressistas